



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

OSVALDO FIORATO JUNIOR

AGONIA E ÊXTASE:
O LONDRINA ESPORTE CLUBE SEGUNDO O JORNAL
FOLHA DE LONDRINA (1976 A 1982)

Londrina/PR
2016

OSVALDO FIORATO JUNIOR

AGONIA E ÊXTASE:
O LONDRINA ESPORTE CLUBE SEGUNDO O JORNAL
FOLHA DE LONDRINA (1976 A 1982)

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de História da
Universidade Estadual de Londrina, como
requisito parcial à obtenção do título de
licenciado em História.

Orientadora: Prof.^a Dra. Regina Célia Alegro

Londrina/PR
2016

OSVALDO FIORATO JUNIOR

AGONIA E ÊXTASE:
O LONDRINA ESPORTE CLUBE SEGUNDO O JORNAL FOLHA DE
LONDRINA (1976 A 1982)

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de História da
Universidade Estadual de Londrina, como
requisito parcial à obtenção do título de
licenciado em História.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof.^a Dra. Regina Célia Alegro
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Prof.^a Dra. Cláudia Eliane Parreiras Marques
Martinez
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Prof. Dr. Gabriel Giannattasio
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Londrina, ____ de _____ de ____.

*Dedico este trabalho à memória de
Alan Cristian Maschio.*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente devo agradecer à Victória, amiga, companheira, que me motivou a estudar e concluir este curso. À professora Rosângela Carvalho que no ensino médio me despertou uma visão crítica sobre a História.

Agradeço a meu pai, Osvaldo, primeiro por me influenciar na minha paixão pelo futebol, e mais seguramente pelo exemplo de seriedade profissional e honestidade, que levarei comigo em minha vida profissional. Além da minha mãe, Maria Izabel, por seu lado, figura que me cativou e me prezou pela educadora dedicada, pessoa doce e amável. Minha irmã Camila, sua personalidade e inteligência me motivam diariamente a ser uma pessoa melhor.

Faço meu agradecimentos aos professores que durante estes cinco anos proporcionaram momentos ímpares para minha formação docente. À Cláudia Fortuna e ao professor Gabriel Giannattasio. Também deixo registrado minha gratidão ao professor Alberto Gawryszewski, pela sua leitura e comentários na construção deste texto.

Agradeço aos funcionários do Londrina Esporte Clube, ao diretor de Marketing, Mário Cardoso, e todos os demais que sempre se mostraram solícitos quanto às necessidades de minha pesquisa. Não poderia deixar de agradecer à Celina Negrão e Fumiko, funcionárias competentes que me ajudaram com os diversos problemas de ordem administrativa. Aos funcionários do Museu Histórico de Londrina, e em especial, aos amigos: Amauri Ramos, Ana Luiza, Thiago, Felipe e Leonardo, que proporcionaram companhia e manhãs de muita alegria durante o ano de 2013. Especialmente agradeço a minha orientadora, Regina Alegro, pela sua extrema eficiência na gestão do Museu Histórico de Londrina, pelos seus conselhos e sua habilidade enquanto docente.

Reitero meus agradecimentos à minha família que nunca desistiu de mim. Obrigado por sempre acreditarem e lutarem por mim e minhas conquistas ao longo da vida e nesse curso do começo ao fim!

**“Fruto do mundo
somos os homens
pequenos girassóis
os que mostram a cara...”**

(Raul Seixas)

FIORATO JUNIOR, Osvaldo. **Agonia e êxtase**: o Londrina Esporte Clube segundo o jornal Folha de Londrina (1976 a 1982). 2015. 73 fls. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina. 2016.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo investigar as relações existentes entre o Londrina Esporte Clube (LEC) e a imprensa periódica da cidade de Londrina, no formato do jornal Folha de Londrina. Para tanto, optamos pelo recorte cronológico entre os anos de 1976 a 1982 como referência para o processo de pesquisa, por conta do LEC ter disputado seis edições do campeonato nacional durante este período. Nos preocupamos em problematizar o conceito de modernidade no futebol. Dentro desta perspectiva, situamos o LEC em um projeto modernizador, a partir da filosofia adotada em 1977 - de futebol-empresa. Dentro deste propósito, inclui-se a expansão dos torcedores do clube, que passam a ser visualizados como consumidores em potencial, assim como também é realizada a estruturação dos setores administrativos juntamente a profissionalização de seus dirigentes, através de contratação desses profissionais. Procura-se, em acréscimo, compreender como este cenário confluiu para que uma parcela da sociedade londrinense incorporasse a paixão pelo futebol, justamente num momento caracterizado por uma crise de representações da riqueza e opulência da cidade. No entanto, todo esse esforço modernizador não necessariamente acarretou no progresso ambicionado pelos dirigentes, já que o próprio jornal Folha de Londrina atribuiu a denominação de “Geração-Estádio do Café” para caracterizar os torcedores do LEC a partir do início dos anos 1980. Também busca-se analisar as condições e contexto de surgimento do jornal Folha de Londrina e suas imbricações com futebol do Londrina Esporte Clube.

Palavras-chave: Futebol. Londrina Esporte Clube. Folha de Londrina. Modernidade. Progresso.

FIORATO JUNIOR, Osvaldo. **Agonia y éxtasis**: el Londrina Esporte Clube segundo el diario Folha de Londrina (1976 a 1982). 2015. 73 fls. Trabajo del Terminación del Curso (Graduación em Historia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina. 2016.

RESUMEN

Este estudio tiene como objetivo investigar la relación entre el Londrina Esporte Clube (LEC) y la prensa periódica en la ciudad de Londrina, en el formato de diario Folha de Londrina. Para ello, se optó por el corte cronológico entre los años 1976-1982 como referencia para el proceso de búsqueda de cuenta LEC haber jugado seis ediciones del campeonato nacional durante este período. Nos molestamos a cuestionar el concepto de modernidad en el fútbol. Desde esta perspectiva, situamos la LEC en un proyecto modernizador, de la filosofía adoptada en 1977 - el fútbol-empresa. Dentro de este objetivo, se incluye la ampliación de los aficionados del club, que se convierten visualizados como clientes potenciales, y también se lleva a cabo la estructuración de los sectores administrativos a lo largo de la profesionalización de sus líderes, a través de la contratación de estos profesionales. Se busca, además, comprender cómo este escenario se reunieron para una parte de la sociedad Londrina incorporase la pasión por el fútbol, justo en un momento caracterizado por una crisis de las representaciones de la riqueza y la opulencia de la ciudad. Sin embargo, todo este esfuerzo de modernización no necesariamente se tradujo en avances codiciado por los líderes, en cambio, el diario Folha de Londrina asignar el nombre de "Generación-Estadio del Cafe" para caracterizar los fans de LEC desde principios de 1980. Asimismo, se pretende si analizar la condición y apariencia del periódico Folha de Londrina y su superposición con el fútbol Londrina Esporte Clube.

Palabras claves: Fútbol. Londrina Esporte Clube. Folha de Londrina. Modernidad. Progreso.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Convite do Londrina Esporte Clube	30
Figura 2 - Propaganda comercial da empresa Maracaju.....	37
Figura 3 - Propaganda da Folha de Londrina.....	38
Figura 4 - Fotografia com os jogadores de futebol de Londrina (1937).....	57

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CBD	Confederação Brasileira de Desportos
CDPH	Centro de Documentação e Pesquisa Histórica
CTNP	Companhia de Terras Norte do Paraná
FIFA	Fédération Internationale de Football Association
FL	Folha de Londrina
LEC	Londrina Esporte Clube
LFC	Londrina Futebol Clube
NASL	National American Soccer League
PML	Prefeitura Municipal de Londrina
TAL	Torcida Acadêmica do Londrina
TOL	Torcida Organizada do Londrina
VGD	Vitorino Gonçalves Dias

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 NORTE DO PARANÁ EM PROGRESSO E FUTEBOL EM MODERNIZAÇÃO	16
1.1 A cidade de Londrina e o conceito de progresso	16
1.2 A modernização do futebol em Londrina	22
2 FOLHA DE LONDRINA E O LONDRINA ESPORTE CLUBE	40
2.1 Imprensa em Londrina	43
2.2 Londrina Esporte Clube	56
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	66
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	69
FONTES.....	73

INTRODUÇÃO

Há algumas décadas os paradigmas da historiografia têm sido reelaborados e fruto de intensos debates entre os acadêmicos. De modo geral, a história funda-se sob a condição de ciência no século XIX. Dentro dos suportes da emergente disciplina acadêmica, reside à crença na possibilidade de alcançar a verdade sobre o passado, como também a aceitação de um método universal de avaliação pautado pelo rigor e objetividade. Muitas mudanças de perspectiva vieram a confrontar esta concepção no século posterior. Desde a Escola dos Annales até a corrente marxista da história intensificou-se o debate sobre a teoria da história, em muito, a história esteve aliada a uma aproximação com outros campos do saber, destacadamente, as ciências sociais (antropologia, sociologia), e a psicologia. Viabilizados pela interdisciplinaridade que a historiografia foi assumindo, alguns campos tenderam a se sobrepôr a outros domínios no interior da disciplina. A ênfase econômica vigorou até aproximadamente os anos 1970, sendo que a História Cultural ganhou forças após este período, vindo a ser hegemônica no decorrer dos anos 1990 – e até o presente momento – como assegura Pesavento (2014, p. 7-8).

A História Cultural corresponde, hoje, a cerca de 80% da produção historiográfica nacional, expressa não só nas publicações especializadas, sob a forma de livros e artigos científicos, como nas apresentações de trabalhos, em congressos e simpósios ou ainda nas dissertações e teses, defendidas e em andamento, nas universidades brasileiras. Essa constatação, dada a partir dos anos 90 do último século no Brasil, marca uma verdadeira *virada* nos domínios de Clio...

No entanto, as bases da história oitocentista foram mantidas por estas correntes teóricas. A guisa de exemplo, a busca pela verdade, independentemente do nível de eficácia de tal empreitada, ainda tem raízes na historiografia moderna. Em contraste com esta posição, vislumbramos na pós-modernidade uma referência enquanto ruptura abrupta com este modelo de historiografia. A chamada pelo debate em torno da linguagem, proporcionado pela virada linguística e pelo contato com a filosofia deu dimensões inovadoras ao trabalho do historiador.

Bordonal e Giannattasio (2011) indicam que duas são as premissas fundamentais da condição pós-moderna. Uma, a compreensão que todos nós, humanos, somos produzidos pela linguagem, antes de sermos produtores dela; e

outra, pela exigência de um domínio, cada vez maior, que o historiador deve ter sobre o seu discurso. Neste sentido, é desejável que o pesquisador tenha total controle de seus argumentos. Pois bem, esperamos introduzir com esta pequena argumentação inicial a perspectiva adotada por este trabalho.

Trata-se de uma investigação acerca do jornal Folha de Londrina (FL), no que diz respeito à cobertura jornalística que este periódico realizou sobre o principal clube de futebol da cidade de Londrina, o Londrina Esporte Clube (LEC), durante o período, que corresponde aos anos de 1976 a 1982. Este recorte cronológico deve-se ao fato de ser, este período de sete anos, talvez o momento mais significativa da trajetória do LEC em seus mais de cinquenta anos de existência, avaliando a projeção do clube em nível estadual e nacional.

Consideramos que este recorte temporal pode ser caracterizado como um momento excepcional durante toda a trajetória do clube, pois representa a quebra, o inusitado, se considerarmos os resultados em campo e a projeção que o LEC pode alcançar desde a década de 50 até o presente momento. Durante os sete anos circunscritos ao recorte cronológico o LEC participou de seis edições do campeonato brasileiro, as únicas de sua história. No final da década de 1970 o campeonato brasileiro não possuía divisões seriais, sendo uma única competição para todos os clubes do país.

Partimos da hipótese de que, já em 1976, houve uma campanha deliberada em favor da inclusão do LEC no campeonato brasileiro daquele ano. Perceptível através da empolgação gerada nos jornalistas e dirigentes do clube logo no começo do ano, após um grande início de campeonato paranaense. Resultados expressivos eram obtidos em campo, a torcida correspondeu na arquibancada, de tal modo que houve durante os anos de 1976 e 1977 sucessivos recordes de público e renda. Estes últimos aspectos serviram como base do discurso jornalístico que clamou pela participação do LEC no campeonato brasileiro de 1976. Com o LEC disputando o campeonato nacional, este clube alcançou conquistas significativas dentro de campo.

Entre as maiores vitórias celebradas pelo LEC neste momento pode-se considerar a conquista de um título paranaense (1981), uma Taça de Prata (1980),¹ um vice-campeonato paranaense (1980), e ainda aquela que seria sua melhor

¹Campeonato nacional criado no ano de 1980 para ser disputado pelas equipes de menor expressão do cenário nacional. Em analogia, pode ser associado à atual série B do campeonato brasileiro.

colocação em participações no campeonato brasileiro (1977),² figurando como o quarto melhor time de futebol do Brasil na ocasião. Essas conquistas, entre outras questões, motivaram a pesquisa, justamente por instigar uma reflexão acerca do tratamento que a imprensa local, na forma de um jornal importante, a Folha de Londrina, retratou o principal clube de futebol da região.

Avaliando que não foram somente as vitórias e conquistas que marcaram os anos mais prósperos do LEC, pois, também ocorreram inúmeros resultados adversos, que acarretaram um impacto com maior ou menor intensidade, devido à importância do jogo ou do adversário. O clube também conviveu com algumas frustrações por não obter uma posição entre as melhores equipes dos campeonatos no qual estava disputando. Neste sentido, o campeonato nacional é considerado o torneio com uma relevância acentuada para a análise das fontes. Atribui-se este enfoque maior neste determinado campeonato, pela importância dada na divulgação e repercussão deste certame, em face de torneios de âmbito mais regional e com caráter amistoso e/ou amador.

O intuito desta monografia é fortalecer o debate acadêmico e a produção bibliográfica sobre os estudos históricos que tratam do futebol, principalmente no que concerne ao Norte do Paraná. Contudo, este trabalho tem muito mais a característica de propor uma reflexão inicial sobre o debate acerca do futebol e suas relações com a cultura e a sociedade em uma determinada localidade, do que expor conclusões estanques. Visto que é o futebol um fenômeno complexo, multicultural e multifacetado. Também não se pode negligenciar os emergentes estudos e o crescente interesse por temas correlacionados com o futebol e seu universo da academia brasileira. O esporte se entrelaça em outras esferas da sociedade, no que diz respeito à economia, questões de gênero, processo de globalização, identidade, memórias e as mais diversas perspectivas possíveis.

Com o intuito de organizar e deixar claro os objetivos da pesquisa faz-se oportuno explicar a presente monografia através dos dois capítulos na qual está organizada. Cada capítulo se apresenta com uma finalidade própria, sendo ela de proporcionar um debate embasado na bibliografia, ou ainda realizar uma desconstrução qualitativa e quantitativa das fontes, analisando-as minuciosamente.

²Contudo, os jogos da fase final só foram realizados em 1978, e o LEC alcançou surpreendentemente as semifinais, quando foi derrotado pelo Atlético Mineiro, depois de passar por grandes clubes do Brasil, como Flamengo, Santos, Corinthians e Vasco da Gama.

A historiografia regional do norte do Paraná, e em específico sobre a cidade de Londrina, aponta para um forte discurso do progresso e da modernização nas representações sobre a cidade, os trabalhos de Arias Neto (2008), e Adum (1991), são significativos neste sentido.

Entretanto, o futebol mundial passou a experimentar uma série de mutações em suas relações, sobretudo, a partir de meados do último século. Este processo é visualizado com maior nitidez a partir da década de 1970, especialmente no continente europeu, este que por sua vez conglomerava as ligas de futebol mais exuberantes sob o ponto de vista econômico. Dentro do projeto que logrou os grandes clubes, em nível internacional e nacional, ao modelo de gestão profissional, como superação da administração amadora, viu-se a presença do discurso modernizador do futebol proferido pela mídia esportiva e por certos grupos políticos em razão da consolidação e consagração do modelo futebol-empresa. No caso do futebol brasileiro, é a partir dos anos 1990 que a maior parte dos clubes aderiu ao modelo de gestão profissional – segundo aspectos estritamente econômicos – mesmo o discurso pela modernização estando presente desde algumas décadas atrás.

Não obstante, percebe-se nos anos 1970 uma estruturação modernizadora do futebol do Londrina Esporte Clube, em contrapartida aos grandes clubes do período. Esta averiguação pode ser efetivada por meio de análise documental na *Folha de Londrina*. Diante desta acepção, podemos perceber que houve um projeto para modernização das estruturas do clube, na medida em que investimentos consideráveis foram executados na contratação de profissionais gabaritados para os departamentos médicos e de preparação física, como também é notável o incremento de ações para estimular o desenvolvimento das categorias de base do LEC. Podemos argumentar para a hipótese de algumas características do futebol moderno estarem presentes no LEC.

No primeiro capítulo pretendemos fazer uma discussão conceitual em torno das noções de progresso e modernidade, tanto na historiografia que tem se ocupado de analisar a construção social da região Norte do Paraná, como no discurso futebolístico. Para se analisar a ideia de progresso no Norte do Paraná, nos apoiaremos em autores largamente utilizados para se pensar esta questão, Arias Neto e Adum. Num segundo momento, buscaremos traçar o processo que

transformou o futebol de gestão de amadores para o modelo futebol-empresa, segundo a concepção de Proni (2000).

Para aprofundar a questão histórica acerca da imprensa esportiva e sua relação com o futebol, estabeleceu um capítulo, o segundo desta monografia, para discutir em que contexto se desenvolve a imprensa em Londrina e estabelecer apontamentos para as conexões existentes com o LEC e o ambiente futebolístico. Cabe também, por meio desta análise, discutir sobre o LEC e suas implicações no esporte da cidade de Londrina. Neste capítulo será discutida a imprensa escrita em Londrina, por conseguinte as seções esportivas, e suas relações com o Londrina Esporte Clube.

1 NORTE DO PARANÁ EM PROGRESSO E FUTEBOL EM MODERNIZAÇÃO

1.1 A cidade de Londrina e o conceito de progresso

A história é constituída em seus meandros por construções e desconstruções de argumentos e hipóteses, como também por revisionismos. No caso da historiografia que se preocupou em tratar da história e da colonização da região Norte do Paraná, essa afirmação pode ser vista com clareza. Temos que uma primeira geração de pesquisadores vinculou a um projeto moderno de colonização a ocupação das terras empreendida pela Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP). Essa acepção foi tomando contornos diferentes ao longo das décadas de 1980 e 1990, quando pesquisadores influenciados pela Nova História, embebidos nas influências da Nova História Cultural, veementemente presente nos 1990, e a Nova História Política começaram a dirigir olhares e abordagens inovadoras sobre os mesmos objetos de pesquisa.

É dentro deste contexto que podemos situar a obra do historiador Arias Neto, fruto de uma dissertação de mestrado defendida em 1993. Alguns conceitos são expressivos dentro da análise tecida pelo pesquisador, sendo que o conceito de representações, apropriado do teórico francês Chartier, é chave no texto, pois é a partir desta noção que o autor estabeleceu o fio condutor da obra. Outros conceitos, como modernidade ou região são também bem presentes e analisados. Contudo, o que mais nos causa interesse na obra é sem dúvida a análise do progresso, expresso no trabalho em questão.

A história de Londrina está profundamente associada ao conceito de progresso. Desde os primórdios da incipiente cidade, as propagandas da CTNP já divulgavam a ideia de promessa em uma terra de oportunidades. Cabe mencionar que nas representações que Arias Neto nos apresenta, não encontramos o sentido original bíblico nas ideias da Terra da Promissão ou da Nova Canaã, mas sim podemos observar a forte presença de uma perspectiva futura, naquilo que os homens poderiam construir e fundar em uma terra de gente ordeira, honesta e trabalhadora. Por outro lado, Adum escreve sobre um discurso de felicidade presente nas primeiras décadas da cidade de Londrina, no qual havia um otimismo exacerbado com as possibilidades ofertadas pela CTNP e pela representação de prosperidade causada por suas propagandas. Este discurso é encontrado nas fontes

documentais produzidas entre as décadas de 1930 a 1970, compostas por variados estilos, formatos e propostas. Adum salienta que estas obras são fontes primárias, mas que por muitas vezes foram confundidas com a própria historiografia da região. O conceito de progresso é plausível de ser apurado em praticamente todos os documentos consultados pela autora, seja exaltando-o ou criticando-o.

Por sua vez, Arias Neto distingue as representações e seus contextos de produção na cidade de Londrina. A primeira representação tratada pelo autor diz respeito a década inicial de colonização empreendida pela CTNP, as propagandas desta Companhia visavam divulgar a qualidade das terras, e apresentavam as oportunidades de enriquecimento, das possibilidades de se construir uma nova *Terra da Promissão*. Até meados dos anos 1940 essa representação vigorou com força total, pois era a divulgação do empreendimento colonizador e capitalista da CTNP. Quando essa Companhia vem a se desmantelar, há uma transmutação na representação da região.

A partir do contexto do Estado Novo e da Marcha para Oeste nos anos 1940, entra em cena um novo grupo político que exercerá o poder da região de maneira quase que hegemônica até a década de 1970. Neste momento passa a ser gestada a representação do *Eldorado*. Vale lembrar, que não constitui uma representação idêntica ao ensejo espanhol do século XVI de encontrar terras abundantes em ouro na América, mas sim a oportunidade de enriquecer através do trabalho, possibilidade que as terras londrinenses ofereciam em profusão. A representação do *Eldorado* é movida, portanto, pelo setor cafeeiro emergente na cidade de Londrina. Entre os anos 1940 até praticamente os anos 1960 a cidade experimentou o auge econômico proporcionado pela produção do café. Este setor econômico é expressivo na simbologia cultural da cidade. Já a partir dos anos 1970 a representação da cidade sofre mais uma vez significativas alterações, pois se percebe a inclinação para o argumento de que Londrina seria o exemplo mais claro de uma reforma agrária que alcançou sucesso.

No entanto, não podem deixar passar despercebidas as referências ao progresso no livro de Arias Neto. Primeiramente, seria oportuno discorrer sobre esta noção e sua historicidade, visto que este conceito também possui uma história, e não é algo natural da nossa sociedade, e podemos ingenuamente cair nesta armadilha. Para tanto, podemos nos apoiar no historiador Giannattasio (2004) e seu ensaio *Próxima Parada: O Haras Humano*.

O pensamento moderno fundou uma nova concepção de humanidade e de seus sentidos. A partir do Iluminismo e das revoluções burguesas dos séculos XVII e XVIII, uma ideia redentora do ser humano passou a vigorar como hegemônica em nossa sociedade ocidental. O homem passou a se preocupar em salvar a humanidade de seus desígnios e seus sofrimentos e direcionou-se em busca de melhorar, evoluir e progredir de modo contínuo e eterno. Esta ideia, de certa forma, se tornou dominante no pensamento científico e acadêmico, como também no pensamento vulgar e cotidiano.

Parece bem aceitável propor que a concepção progressista tenha surgido com o advento da modernidade. Funda-se a acepção de que o progresso nada mais é do que o controle científico da natureza e a busca pela felicidade completa e irrestrita. A visão do homem enquanto elemento externo à natureza ganha cada vez mais força. Não é verificável nas sociedades antigas, e mesmo no período medieval, a presença do conceito de progresso como uma abstração. No entanto, a ideia causada por este elemento, sugere que ele possui um sentido transcendental e eterno, passando a impressão de que nunca foi experimentada outra forma de se pensar o mundo.

Dentro desta perspectiva, podemos caracterizar o progresso como movimento de avançar, melhorar em algo, desenvolver-se. Segundo Giannattasio (2004 p. 11), este termo aparece em uma enciclopédia do século XVIII, definido por Pierre Larousse da seguinte maneira, “a marcha do gênero humano em direção a perfeição e a felicidade”. Portanto, ele não se define apenas por um movimento qualquer, mas sim um movimento com direção única, sempre à frente, voltado ao futuro redentor e apaziguador do sofrimento e das injustiças humanas.

Opor-se a este movimento na atualidade ou mesmo questioná-lo, é visto como sinal de uma demência moderna. Loucura seja talvez a palavra para arremeter os que têm se oposto ao movimento progressista em nossa sociedade, pois aqueles que ousaram a fazê-lo estão em hospícios ou prisões.

Neste sentido, podemos agrupar dois grandes vieses de críticas ao conceito em pauta. Giannattasio utiliza-se de Taguieff para esta divisão. Um primeiro grupo preocupado em questionar o progresso, o fez a partir de um ponto de vista de dentro da própria perspectiva progressista, ou seja, uma crítica interna. Outra parte da crítica é executada por meio dos “antiprogressistas”, subdivididos entre três categorias, os decadentistas, pessimistas e trágicos.

Os próprios decadentistas ainda fazem concessão a noção de progresso, pois se o mundo está em decadência de um ápice, ora, há uma noção implícita relativa ao apogeu e declínio. Algo só pode estar em decadência se já alcançou seu clímax. O pessimismo, no entanto, traz à tona a concepção de mundo em direção ao caos total, onde tudo deverá acabar em horror e sofrimento, pois o homem é naturalmente mau. Já o pensamento trágico, do qual Giannattasio (2004, p. 34) parece se amparar, nos apresenta que o mundo não é

[...] nem progresso, nem decadência, nem otimismo, simplesmente trágico! Caracteriza a crítica que os trágicos fazem à noção de progresso uma recusa de pensar a história, seja do homem, como da natureza a partir de um sentido, de um telos, a partir de leis que orientem o curso de nosso destino, seja para cima, como para baixo.

Um adendo a ser mencionado diz respeito a negativa do pensamento pessimista perante o trágico. Vejamos como Giannattasio (2004, p. 30) avalia esta noção:

Marginais são as formas de pensamento que escaparam ao dogma. O projeto de uma humanidade que se aperfeiçoa ou que deve tornar-se mais perfeita com o decorrer do tempo, se faz visível, das correntes liberais às ideologias de esquerda. Todas conferem um igual papel, reconfortante e redentor, ao futuro. Progresso é sinônimo de liberdade, igualdade, justiça, conforto, bem-estar social e longevidade. Quem é capaz de negar os benefícios individuais e sociais do progresso?

Essa noção progressista dialoga com uma questão de perspectiva temporal, no qual não pretendemos aprofundar neste trabalho, devido sua complexidade. Por outro lado, Arias Neto concebe o progresso de maneira distinta sob a ótica historiográfica.

Não se trata de negar o desenvolvimento do Norte do Paraná e da cidade de Londrina, mas de perceber como as representações que buscaram legitimá-lo atropelaram determinados autores desse crescimento [...] A idéia de progresso constitui-se, portanto, em uma episteme que, em determinados momentos, pode ser potencializada como ideologia em função de necessidades práticas e imediatas dos grupos dominantes. (ARIAS NETO, 2008, p. xiii-xiv).

Assim, podemos observar que o autor se preocupa em trabalhar como as representações de progresso modificaram-se ao longo dos anos em Londrina, para sustentar grupos políticos e econômicos no poder da região. Localizando a produção desta obra no tempo e no espaço, é possível obter uma compreensão mais adequada do texto. Salta aos olhos a influência exercida pela Nova História Cultural na produção acadêmica brasileira dos anos 1990, apoiada nos escritos do historiador cultural Roger Chartier.

A partir da historiadora Adum (2013), em um texto a título de síntese historiográfica da região Norte do Paraná, podemos obter considerações relevantes sobre a produção acadêmica realizada sobre este objeto de pesquisa. Dois principais estudiosos realizaram trabalhos de campo na região nos anos 1930, Pierre Moinbeg e Claude Lévi-Strauss. Suas contribuições referem-se primordialmente a característica atribuída à colonização da região, enquanto um plano racional e planejado. Nos anos 1950 verifica-se um debate muito intensificado no campo da geografia, onde alguns pesquisadores dedicaram-se a definir e conceituar a região, com destaque aos fatores naturais, como clima, relevo, solo e aos aspectos econômicos. Já a partir dos anos 1980 uma nova configuração acerca da região emergiu,

[...] a historiografia sobre Londrina e região foi sacudida por um significativo desenvolvimento quantitativo e qualitativo, iniciando-se uma releitura da história local e regional, que buscou, por um lado, desvincular-se da preocupação com o conceito de região, procurando inserir as análises em uma perspectiva de história nacional e, por outro, estabelecer uma relação mais crítica a respeito do processo de colonização e seus atores. (ADUM, 2013, p. 13).

Autores que igualmente merecem menção por terem escrito trabalhos relevantes e inovadores nos anos 1980 são Tomazi, Ana Cesário e Marcos Barnabé. Tomazi trabalha com uma espécie de simbologia criada entorno da CTNP, esta configuração possibilitou uma visão ancorada no conceito de mitologia, promovida pela própria companhia. Um dos mitos criados sobre a CTNP seria justamente aquele que atribuía o mérito do progresso e da civilização da cidade a esse empreendimento. Cesário - cientista política - por sua vez, analisou e desmistificou a participação política dos londrinenses. Barnabé insere-se no contexto de produção realizada por arquitetos e seu principal argumento traduz-se na afirmação de que a

cidade de Londrina foi planejada a partir do conceito de *cidade-jardim*. O autor embasou-se numa acepção de arquitetura do século XIX, influenciada pela cidade organizada entre campo e ambiente urbano.

Quanto à obra de Adum (1991), um dos elementos centrais trata-se da ocultação da história de segmentos sociais marginalizados dos debates historiográficos até aproximadamente as décadas de 1980 e 1990. Dentro do propósito da historiadora reside analisar a colonização do Norte do Paraná sob a ótica do processo capitalista vindouro na expansão de fronteiras. Contudo, parece razoável indicar que esta autora conduz seu processo investigativo no intuito de desmistificar os discursos que alguns grupos dominantes praticaram, justamente para ocultar a dominação exercida nos planos políticos e econômicos.

Adum (1991) afirma que a historiografia consagrada do “Norte do Paraná” se dedicou muito mais a glorificar o passado, seus heróis e virtudes do que problematizar a história da região. A autora que faz uso da noção de progresso baseado em Walter Benjamin, utiliza-se deste conceito como fundamento e eixo teórico-metodológico na estrutura do texto, significando um jogo dialético entre duas faces do mesmo objeto. De um lado a Civilização, portada do “Discurso de Felicidade” e pelo desejo de uma ordem imposta de acordo com o projeto capitalista vigente. Por outro, temos a explanação da Barbárie, fruto da desordem criada pela face amarga do progresso. Neste cenário identificam-se o mundo marginal da cidade, entre prostitutas, vadios, bandidos, viciados e mais toda denominação possível para o *outro*. Em vista disso, vejamos que Adum (2013, p. 17), trata o progresso como expressão ideológica, pois

Pensamos que esta ideologia, ao fazer sua história, dissimula outras dimensões do real, excluindo dela seus outros agentes, os vencidos. Nessa concepção progressista da história, os perdedores são escondidos no contexto do alargamento territorial e do progresso; são controlados a pretexto da desordem, da anarquia. Acabam por não participar da história, não têm memória.

Emparelhada com Arias Neto, notamos como elemento fulcral para desenvolvimento das pesquisas de Adum, a presença do progresso. Por sua vez, essa autora, problematiza o conceito como aspecto do discurso de sustentação do poder estabelecido, que atropelou camadas sociais soterradas pelo silêncio e esquecimento. Enquanto que Arias Neto sugere que as diversas representações da

cidade estiveram condicionadas e alicerçadas a marcha progressista. Demonstrar como esta noção condicionou o desenvolvimento da cidade, e em contrapartida, alimentou uma série de problemas urbanos geradores das mais opulentas espécies de conflitos e exclusões sociais respaldam-se com afinco na pretensão dos historiadores citados logo acima.

1.2 A modernização do futebol em Londrina

Tanto quanto o progresso, o conceito de modernidade exige uma abordagem um pouco mais detalhada, constatando-se sua importância e presença na historiografia norte paranaense. O interesse pela noção de modernidade pode ser justificado, na medida em que o próprio conceito de esporte é fruto do projeto moderno civilizatório, marcadamente no século XIX.

Contudo, a ambiguidade não é exceção para este conceito, pois seus entendimentos são múltiplos. Existem muitos, talvez uma centena de sentidos que o termo carrega, no entanto não estamos dispostos a descrever todos eles, mas sim se atentar para um entendimento específico. Uma compreensão bastante usual para a modernidade também pode ser compreendida por um período histórico, correspondendo ao fim da Idade Média e início da Idade Contemporânea. Devido ao sentimento de oposição ao período antecessor, compartilhado pelo homem moderno do século XVI, convencionou-se, sob esta circunstância, a denominar-se como moderno a superação do obscurantismo e abismo cultural dos medievais. O homem moderno representa o novo homem, liberto das amarras religiosas. Vale ressaltar que este conceito se relaciona estritamente com a cultura ocidental e que o moderno não despreza a cultura clássica oriunda da Antiguidade, pois há inspiração e modelos para o desenvolvimento da arte e da filosofia a partir de elementos greco-romanos. Contrapõe-se diretamente ao pensamento do medievo, denominado pejorativamente e, de certo modo, menosprezado em sua cultura.

Modernidade e progresso muitas vezes são termos e conceitos usados conjuntamente para a estruturação de trabalhos e obras que se dedicam a, pelo menos, um dos temas. Uma hipótese levantada para refletir sobre esta questão refere-se à concomitância destas ideias segundo o projeto iluminista para a humanidade. Pois, outro entendimento concebido para modernidade concerne a

uma pretensão racionalista, originada com a Ilustração no século XVIII, mas que exerceu influencia filosófica nos dois séculos seguintes com maior vigor, mas com igual representatividade no tempo presente. No íterim deste projeto encontra-se o controle científico da natureza pelo homem, assim como o ensejo pela libertação espiritual e filosófica do ser humano, a busca constante pela autonomia. A crença que a razão é possuidora da possibilidade de suprir a humanidade de liberdade, igualdade e fraternidade têm orientado as mais diversas correntes do pensamento ocidental. Flutuando até mesmo entre propostas conflitantes entre si.

Não obstante, este projeto tem sido alvo de constantes críticas e contestações. Argumenta-se sobre a impossibilidade de redenção do homem perante sua natureza trágica. Aponta-se, justaposto a esta argumentação, os efeitos contraditórios e desastrosos da evolução científica, contrapondo-se a ideia fundamentada no progresso fundador e sustentáculo da justificação de toda e qualquer posição calcada pela ciência para explicar o mundo como tal. O fracasso do projeto racionalista é evidente em nossos tempos, a capacidade da ciência melhorar nossas vidas é recorrente pautada pela crítica à modernidade.

No que diz respeito ao esporte, especialmente o futebol – pelo trato dado a esta modalidade no presente estudo – merece destaque e esforço para conceituar e historicizar este elemento, efetivamente um produto da cultura moderna. O futebol conceituado como um esporte fruto da modernidade pode ser localizado na Inglaterra do século XIX, momento de surgimento das práticas organizadas. Um dado a ser assinalado condiz com a hipótese de jogos praticados com chutes a um objeto redondo (espécie de bola) nos séculos XV ao XVIII no continente europeu, visível até mesmo em sociedades da antiguidade clássica e da América pré-hispânica, estes jogos muitas vezes relacionavam-se com aspectos religiosos ou míticos.

Percebemos justamente no projeto de sociedade moderna do século XIX as condições mais propícias para que o futebol pudesse paulatinamente se configurar em um conceito idealizado em torno da civilidade e do controle instintivo burguês. Proni (2000), analisando o surgimento do futebol na Inglaterra, e amparado na definição de esporte fundamentada em Elias e Dunning, percebe no processo civilizador o mote para o pleno desenvolvimento do esporte.

Significa dizer que a prática esportiva destinava-se a propiciar não só uma atividade física que agradasse aos jovens da elite inglesa, mas também a desenvolver mecanismos de controle das emoções, condizentes com um comportamento individual mais refinado. Para tanto, os novos jogos de bola precisavam de um conjunto de normas que atenuassem a agressividade, evitando lesões e ferimentos mais graves, corriqueiros nos jogos populares. (PRONI, 2000, p. 22-23)

Porém, não devemos limitar nossa perspectiva, arguindo em favor do mérito das elites em propiciar os elementos de sistematização do futebol. Um processo que causou controvérsias entre os intelectuais da época, pois devido às violências do esporte alguns não poderiam associar o cavalheirismo desejado à expectativa de comportamento de um jovem refinado. Assim, o futebol vai recebendo a sistematização por meio dos jovens praticantes da modalidade em escolas inglesas. O que sustenta o argumento do futebol enquanto uma invenção da modernidade abre-se em dois fatores distintos. Em primeiro lugar, a experiência buscada na prática do esporte é a busca pela excitação, pelo desejo da aventura moderna, o bel-prazer de sentir-se competindo em meio às tensões alucinantes do espírito fugaz moderno. A atividade física pode ser pensada sob a ótica do desenvolvimento do corpo humano. Outra razão vem do domínio moderno dos sentimentos, o desejo pelo controle da violência nas práticas esportivas.

Honorato e Pires (2013), debruçados em pesquisa sobre as práticas e representações do esporte na cidade de Londrina dos anos 30, elucidam suas hipóteses respaldados pela análise documental do jornal Paraná-Norte. Não há muita segurança, nem disponibilidade de fontes escritas, tão quanto bibliografia extensa sobre as práticas esportivas e lúdicas anteriores à colonização realizada pelos ingleses da CTNP. Sob tal aspecto, os primeiros registros de formação de equipes esportivas remetem a primeira década de colonização. De início podemos apontar para a heterogeneidade das primeiras práticas esportivas, “elementos da sociogênese da cultura esportiva e do entretenimento do londrinense”. (HONORATO; PIRES, 2013, p. 282-283). Resultado da colonização de migrantes e imigrantes oriundos de culturas diversificadas.

No aspecto circundante ao esporte e a noção de modernidade em Londrina, vemos na virada dos anos 1970, um projeto realizado pela Prefeitura Municipal de Londrina (PML) como caso exemplar da conceituação do moderno. Para tanto, verificaremos algumas propagandas e convites produzidos pela Prefeitura Municipal

de Londrina veiculadas no jornal Folha de Londrina, representando a cidade por meio dos esportes modernos.

O ano de 1982 foi marcado pela saída do poder do então prefeito Antônio Belinati, motivado a disputar as eleições estaduais daquele ano. Belinati primeiramente iria ser candidato ao cargo de vice-governador. Após uma articulação política, suas pretensões aumentaram consideravelmente, no discurso propagado no contexto de seu desligamento da prefeitura, foi enfocada a capacidade de Belinati em assumir o cargo máximo da política Estadual. A Folha de Londrina do dia 13 de abril do referido ano, trouxe uma reportagem contendo uma página inteira dedicada a noticiar o último dia da administração do prefeito, que aproveitou a ocasião para efetuar uma grandiosa despedida. Na mesma edição da FL, é possível observar propagandas da prefeitura, como também em muitas outras edições, valorizando os feitos da gestão de cinco anos do administrador. Especialmente, temos a menção das obras realizadas por Belinati, em contraste com uma aparente ausência de infraestrutura urbana dos últimos prefeitos. Assim, consideramos que via propaganda oficial da prefeitura procura-se associar a imagem do prefeito a um estilo moderno de gestão. É valorizado o começo da obra da moderna rodoviária, projetada pelo prestigiado arquiteto Oscar Niemayer, como também de inúmeras creches e conjuntos habitacionais.

O próprio Belinati se orgulha de ter sido noticiado no exterior, em países como Japão, Argentina e no continente europeu, pelas suas audiências coletivas. Segundo o prefeito, ele recebeu cerca de 200 mil pessoas durante sua administração em seu gabinete. Induzimos para a imagem populista construída pela própria personagem, a qual afirma, “Eu, que fui eleito com o voto do pobre, saio da Prefeitura ainda mais amigo do pobre, do trabalhador, a quem aprendi a respeitar”. (FOLHA DE LONDRINA, 1982, p. 4). Nesse dia de despedida o prefeito aproveitou ainda, para atender diversos pedidos pessoais de moradores. Uma prática política tipicamente populista, imperando os favores de cunho particular.

O aspecto religioso também foi explorado para a concepção figurativa de Belinati, tanto que no dia de sua despedida recebeu diversas homenagens. Numa delas sua filha e sobrinha dedicaram uma canção religiosa, a qual o conteúdo prenunciava seu retorno ao poder, tal qual Jesus Cristo retornou do mundo dos mortos.

[...] com um estribilho que prenunciava o retorno de Cristo (“Ele vai Voltar”) que de tão repetido que foi, acabou sendo parodiado ao prefeito por alguns assessores, numa alusão de que ele, Belinati, vai voltar à administração num grau mais destacado, isto é, como governador... (FOLHA DE LONDRINA, 1982, p. 4).

Uma cerimônia foi realizada com a dispensa de quase todos os funcionários municipais para que pudessem presenciar este momento, que contou também com associações de bairros e favelas. Se na esfera imagética do homem público não faltaram esforços para configurar Belinati como um sujeito portador de princípios religiosos e éticos, sua imagem também vai ser coligada ao âmbito esportivo da cidade, efervescente nos anos de sua administração.

O mesmo Deus – segundo Belinati – foi providencial para sua administração, “rica em incentivos ao esporte”. Numa entrevista à Rádio Paiquerê, disse que saía da Prefeitura com a marca de “pé- quente” pois foi durante sua administração que o Londrina ficou em 4º lugar do Campeonato Brasileiro de 1977, foi campeão da primeira Taça de Prata e campeão paranaense de 1981. (FOLHA DE LONDRINA, 1982, p. 4).

No dia anterior a esta reportagem, a Folha de Londrina apresentou uma carta assinada pelo próprio prefeito, intitulada “ANTONIO BELINATI QUER FALAR COM VOCÊ”. O título da carta chama a atenção para a força que exerce sua expressão, escrito em letras garrafais. O conteúdo refere-se à valorização das obras e realizações da administração, comparando-se com gestões anteriores. No tocante ao setor esportivo, o projeto da administração Belinati levado a cabo, consistia no seguinte slogan, “Quem Trabalha, Merece Recreio”. Este título aparece em diversos convites e propagandas da PML no jornal Folha de Londrina sobre inaugurações de centros vivenciais e esportivos. Nesta carta é mencionada a construção daquele que seria o maior conjunto poliesportivo popular do Paraná, contendo um ginásio, quadras e piscinas para servir ao trabalhador londrinense. Cabe observar que grande parte de todas estas obras esportivas são direcionadas aos bairros mais pobres, de acordo com perspectiva adotada pelo prefeito, via discurso analisado, de valorizar esta população mais carente.

De fato, o homem moderno se funde concomitante com a concepção esportiva. Como controle das emoções e via de lazer, o esporte, pensado através do

slogan “Quem Trabalha, merece Recreio” fornece subsídios fecundos para associar elementos da mais pura racionalidade moderna com a prática esportiva. O lazer londrinense, neste sentido, é destinado ao trabalhador citadino, permeado de sua sociabilidade urbana, como destino do alívio de suas tensões e regulação de seus instintos. Esporte e lazer quase que se confundem neste espectro. Pois o esporte é oferecido ao cidadão como recompensa de seu esforço, o desfrute das práticas lúdicas está condicionado à concomitância do trabalho.

Seria apropriado supor que todo o desenvolvimento e progresso da cidade tivessem acarretado problemas estruturais e sociais em larga escala. Todo o auge econômico vivido pela produção cafeeira dos anos 1950 e 1960 propiciou um forte aspecto simbólico em torno do café. Diversas edificações, como símbolos oficiais da cidade remeteram-se ao café. Uma produção simbólica marcada por um sentimento otimista, com ambição de construir um futuro moderno e progressista. No entanto, a partir já da década de 60 foi-se tomando uma consciência crítica com relação ao desenvolvimento da cidade. Recorrendo a Arias Neto (2008, p. 99), o panorama adotado pelo autor para conceituar os problemas decorrentes do movimento progressista, é pautado pela transmissão da ideia de desigualdade social promovida pelo crescimento desordenado enquanto alicerce do ocultamento dos problemas via o discurso modernista.

Para este historiador, uma série de medidas acolhidas serviu como base para a instauração do *Estatuto da Cidade Moderna*, regimentado pelo poder legislativo para modernizar, higienizar e racionalizar a cidade. (ARIAS NETO, 2008, p. 106). Entre os ônus ocasionados pelo progresso, a cidade conviveu com uma grande efervescência da prostituição, tratada pela imprensa como um problema social e moral. Os jogos de azar constituíram, por um período, um certo incômodo a determinados setores da sociedade. Mas, reside gradual interesse as questões de âmbito social. Estimulados pela estratégia de Arias Neto, em deduzir que o projeto de cidade moderna se solidificou por meio da racionalização das profundas desigualdades sociais, diagnosticamos que este conceito é tratado pelo autor, de fato, como *episteme*, que transmuta em direção aos projetos de controle social-político. Assim, é conferida à arquitetura planejada pelos setores econômicos mais influentes da cidade, o ideal das elites londrinenses. As associações beneficentes voltadas a atender socialmente parcelas carentes da sociedade (crianças, mulheres e migrantes) possuíram em seu bojo características da modernização londrinense.

Este horizonte conflui para a idealização, portanto, do homem londrinense moderno. Virtuoso como bom trabalhador, é ordeiro naturalmente, e divide com destreza suas atribuições sociais (morar, trabalhar, recriar-se, etc.). (ARIAS NETO, 2008, p. 113). Não obstante, podemos indicar que a cidade experimentou uma crise de ordem social e econômica, sobretudo, a partir dos anos 1970. Ademais, não tão somente os problemas são advindos do meio urbano. Dado que a interface da sociedade urbana londrinense se interliga com o aspecto rural intrinsecamente. Campo e cidade constituem uma complexa e conflituosa – por vezes – esfera de disputas simbólicas. Obtemos esta consideração partindo do pressuposto de que a riqueza que condicionou a opulência da cidade é oriunda do campo, dito, dos fazendeiros do café. O progresso da cidade vinculou-se, de modo exaltado, a produção do campo.

Adum e Arias Neto pontuam análises a partir de processos criminais em suas obras, permeando um ponto de vista inovador para o momento histórico do qual tecem seus estudos. Entretanto, como se tem mencionado neste trabalho, estes autores pretendem redimensionar a ótica progressista da cidade através da problematização deste conceito como suporte de uma dominação social, e procuram alicerçar o progresso como acarretador das desigualdades e os problemas de toda ordem estrutural.

Noutra dimensão, se os anos 1970 são marcados pelas desordens dos aspectos urbanos estruturais da cidade de Londrina, recai no pensamento filosófico uma descrença do poder da modernidade em melhorar a vida do ser humano. Diante o enfraquecimento de uma memória do passado grandioso da cidade, é através do futebol do Londrina Esporte Clube que se visualiza um processo modernizador em sua essência. O otimismo de progresso incólume e indelével foi se esvaindo, soterrado pelas crises que não cessaram no percorrer da virada dos decênios de 70 a 80. Porém, o LEC vivenciará seu auge nos campos e nos bastidores esportivos justamente neste período histórico.

Nos anos 1970 entra em cena um novo grupo administrativo que irá gerir os rumos do clube durante todo o êxtase vivenciado no final desta década. Entre os fatores de maior interesse para a caracterização dos aspectos de gestão modernizadora adotada pelos dirigentes, reside a reestruturação do departamento administrativo e do aprimoramento da infraestrutura do departamento médico e físico. Compreendemos que o clube realizou investimentos financeiros de alto porte,

inclusive para contratações de jogadores vindos dos maiores clubes do futebol nacional daquele momento.

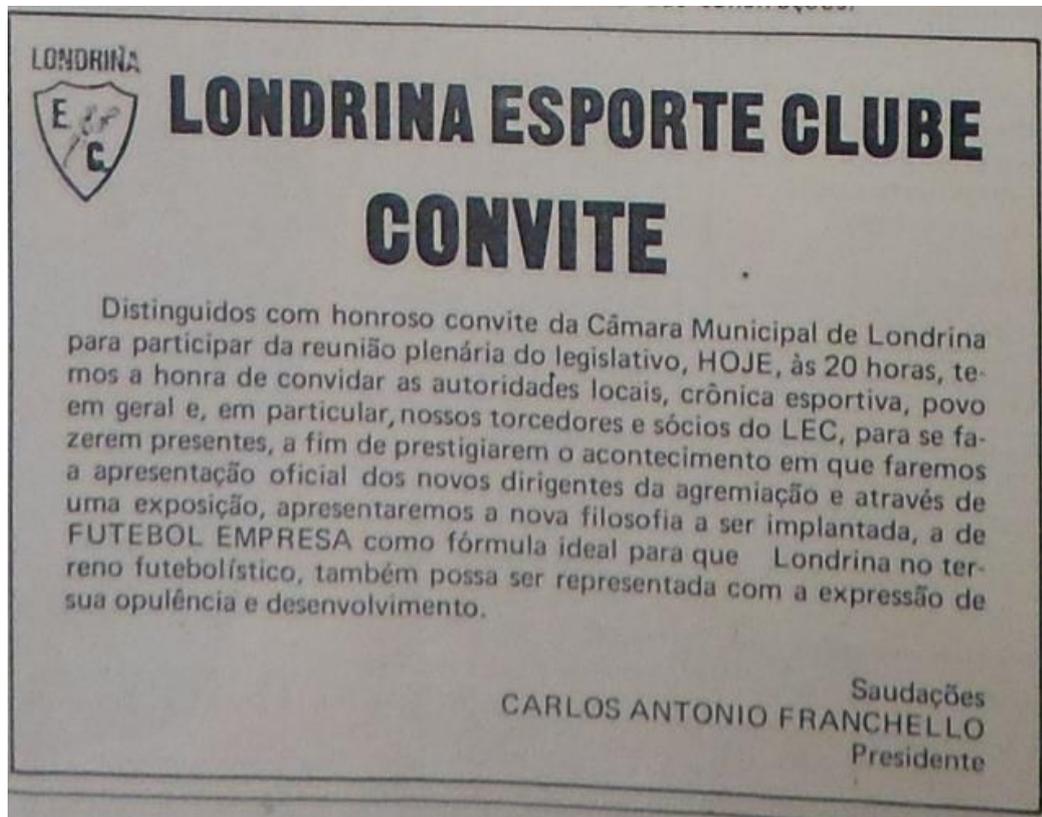
Nas páginas da Folha de Londrina das datas de 19 e 28 de fevereiro de 1976 encontramos indícios notórios do investimento no setor administrativo do LEC. O clube realizou a contratação de um dirigente oriundo da Portuguesa de Desportos (SP). Ari Marta deveria ser o responsável pela organização e estruturação dos departamentos administrativos e de futebol. Há um importante detalhe a ser assinalado, trata-se da mudança da sede administrativa do LEC, “deixando suas antigas instalações, no 2º andar do Edifício Banco da América” (FOLHA DE LONDRINA, 1976, p. 12), para alojar-se na Rua Pernambuco, numa casa alugada para melhorar os serviços de atendimento aos associados. Ari Marta, dentro do seu plano de trabalho, estabeleceu como primordial um levantamento total do patrimônio do clube, de tal forma que se possibilita a implantação de um almoxarifado. A segunda ação do dirigente no comando administrativo consistiu em catalogar a partir de fichas individuais todas as informações dos jogadores do LEC, como assuntos médicos e referentes a premiações e desempenho em campo. (FOLHA DE LONDRINA, 1976, p. 12).

Nota-se, portanto, a deficiência do clube em registro interno de seus próprios jogadores até este momento. Num clube que almeja a conquistas de títulos e repercussão de suas realizações, pensa-se sobre os resultados em campo estarem diretamente associados ao poder financeiro desta equipe. Confluiu para o sucesso alcançado pelo LEC nos torneios do final da década de 70, todo este planejamento do ponto de vista gerencial. Uma das possíveis razões para explicar as conquistas do LEC está relacionada, deste modo, a adoção de uma nova filosofia administrativa.

Este processo de modernização é notado nas referências da Folha de Londrina desde o início do ano de 1976, porém, é no ano seguinte que identificamos a inclusão oficial do clube em novo modelo gerencial, trata-se da ideia do futebol-empresa. Segundo um convite publicado na Folha de Londrina de 06 de outubro de 1977, assinado pelo então presidente Carlos Antonio Franchello, o Londrina Esporte Clube estaria implantando a partir desse momento este novo modelo. (FRANCHELLO, 1977, p. 14). A finalidade de tal convite, dirigido ao povo londrinense em geral, mas especialmente as autoridades locais, a crônica esportiva

e aos torcedores, era apresentar a nova diretoria, bem como divulgar a adoção do futebol-empresa pelo LEC.

Figura 1 - Convite do Londrina Esporte Clube



Fonte: FOLHA DE LONDRINA, 6 out. 1977. Centro de Documentação e Pesquisa Histórica.

Assim, estamos inclinados a supor que a característica substancial do convite é dar visibilidade a esta administração moderna. A escolha por divulgar o convite na Folha de Londrina já indica o propósito dos dirigentes em associar a imagem do clube, via convite oficial para uma cerimônia a ser realizada na Câmara dos Vereadores de Londrina, ao periódico de grande circulação. Recai ainda neste emblemático convite outra questão pertinente. A representação pretendida pelo clube, através desta fórmula ideal, está assim designada, a expressão, pura e simples, no terreno futebolístico, da opulência e desenvolvimento do LEC. Não há, no entanto, medidas exatas para confirmar nos anos seguintes se os princípios norteadores de tal fórmula administrativa se sedimentaram. O aspecto proeminente desta análise, contudo, se pauta pela simbologia progressista na qual clube, na forma de seus dirigentes, intentou.

Cabe investigar um pouco mais detalhadamente este conceito adotado pelo Londrina Esporte Clube, o futebol-empresa. Como já viemos desenvolvendo a ideia do futebol originário de um projeto da modernidade, com raízes britânicas, podemos arguir para pensar qual modelo administrativo foi adotado, via de regra, no contexto da expansão do futebol pelo ocidente. No começo do século XX o futebol foi rapidamente incorporado por uma ostensiva parcela do continente europeu. Diversos países começaram a formar ligas organizadas. Neste quesito, foi preciso de uma instituição para definir as regras e os fundamentos do esporte e das ligas. A FIFA (*Fédération Internationale de Football Association*) foi criada neste escopo, sem, todavia, contar com a participação da Inglaterra.

Deve-se a esta circunstância o embate ocorrido em torno da profissionalização do futebol em terras europeias. A Inglaterra, por conta de ser o país de origem desta modalidade esportiva, profissionalizou o futebol ainda no século XIX, enquanto que boa parte do restante da Europa viu este processo acontecer a partir dos anos 1910 do século seguinte. Por um lado, a tradição ressoante na imposição e defesa dos princípios esportivos com base no amadorismo encontrou seu suporte no sistema gerencial dos clubes nascentes. De outro ângulo, perspectivou-se a implantação do profissionalismo pelos próprios jogadores, aliados a conjuntura constituída pela mercantilização do futebol. Expresso em outras palavras, foi verificado um processo de massificação do esporte, seja pelo público torcedor crescente e pela cobrança de ingressos nas partidas, ou pelo incremento das mídias modernas (jornais e rádios), no contingente de elementos incorporados a este movimento.

Sob tal aspecto, o modelo adotado no futebol internacional foi formado pelas características do profissionalismo restrito aos jogadores, no entanto, deveria necessariamente ser gerido por amadores. A imposição do amadorismo dos gestores se liga aos princípios nobres em torno do esporte. A adoção deste modelo na Europa foi uma influência direta da Inglaterra. Proni nos assegura que é

Neste contexto, que se opunha ao ideário de liberalismo, embora a adoção do profissionalismo no futebol deva ser entendida como uma recusa de idéia elitista do amadorismo (herança do Antigo Regime) havia uma clara preocupação em evitar que as forças do mercado dominassem a administração dos clubes e federações e que o esporte servisse a interesses privados. (PRONI, 2000, p. 35).

A preocupação dos setores tradicionais ingleses em evitar que o futebol fosse orientado puramente pelo mercado capitalista encontrou ressonância até meados do século, quando se visualiza com maior clareza os rumos de espetacularização esportiva. Não obstante, o amadorismo entre atletas foi regra nas primeiras Olimpíadas Modernas, e até mesmo nas primeiras edições da Copa do Mundo, que quase de modo exclusivo, também foi composta por agremiações amadoras. Elucidamos os argumentos apresentados em torno das transmutações do futebol em seus primórdios através da afirmação de Proni (2000, p. 37).

Por fim, precisamos ponderar que, se no século XIX o futebol era visto como uma manifestação cultural “civilizada”, portadora dos valores de uma elite social, no século XX o futebol passa a ser entendido como uma modalidade esportiva propícia ao lazer popular e ao entretenimento das massas urbanas. Nesse sentido, como explicação adicional para a adoção do profissionalismo, temos a idéia de que a comercialização do espetáculo esportivo é um elemento característico de transição de uma sociedade “tradicional” para uma sociedade “moderna”, ou melhor, da conformação de um “lazer moderno”.

Caracterizado os principais pontos do debate circundado ao direcionamento do futebol a uma esfera da modernidade podemos nos debruçar especificamente sobre um dos preceitos máximos da evolução da modalidade, o surgimento do futebol-empresa. Vale mencionar que os princípios imperantes da lógica do futebol não estiveram direcionados ao mercado capitalista até meados do século passado devido aos ideais de amadorismo presentes ao conceito de esporte, impossibilitando a finalidade lucrativa nos clubes de futebol. No caso dos clubes sul-americanos, a influência europeia foi sentida no modelo de gestão adotado, profissional para os jogadores e amador para os dirigentes. Porém, não está na ordem econômica a via de domínio do futebol europeu no restante do globo, dado que este aspecto não foi fundamental.

As condições mais límpidas para o surgimento da mentalidade capitalista a reger o futebol deram-se oportunamente nos Estados Unidos da América, uma sociedade marcadamente inclinada ao consumo em massa. Foi nos anos 1960 que uma liga foi criada para atender ao mercado capitalista. No entanto, um processo lento e progressivo, como define Proni (2000, p. 44), já vinha se operando no continente europeu, devido a tomada de consciência dos dirigentes da necessidade

da profissionalização de suas atividades. Mas, certamente a criação da *National American Soccer League* (NASL), com base em seu modelo de atuação capitalista, contribuiu para a expansão desta racionalidade no ocidente, de modo amplo.

São três os aspectos centrais do futebol-empresa. A necessidade de mercados consumidores configura uma importante premissa deste modelo. Como também o incremento dos patrocinadores, tanto nos uniformes de jogos, como em competições, é um dos elementos que condicionam a difusão do modelo em questão. Outro quesito se encontra na comercialização do espetáculo, pois, o torcedor passa a ser considerado um potencial consumidor dos produtos do clube. Sendo que o principal produto a ser ofertado pelo clube reside nas suas atuações em campo, ou seja, a fidelização do torcedor, a fim de assegurar seu consumo nos estádios de futebol e via televisão. Analisando a inserção do tipo de gestão supracitada, Proni (2000, p. 45), argumenta que

[...] o futebol-empresa requereria, além da racionalização dos métodos de gestão dos “negócios” do clube, a transformação do espetáculo em atração da programação televisiva (com contratos de televisão), a implantação de modernas estratégias de marketing, a busca de novos mercados (ou de novas frentes de valorização) e, finalmente, uma nova regulamentação que permitisse a presença de grupos econômicos no comando do esporte.

Ante esta configuração do futebol-empresa e sua disseminação na Europa e nas Américas, podemos situar com mais segurança as características do futebol moderno no LEC. A torcida do Londrina Esporte Clube se acostumou a bater recordes de público e arrecadação a partir do ano de 1976. Desde o início do campeonato paranaense daquele ano a confiança dos torcedores foi aumentando de modo gradual. Ao ponto de alguns cronistas da Folha de Londrina induzir para o fato da torcida do LEC crescer e superar torcidas de clubes paulistas, tradicionais entre os londrinenses.

Condizente com a perspectiva comercial lucrativa adotada pelo LEC encontramos ainda no ano de 1976 um importante elemento elucidativo do argumento da espetacularização das partidas de futebol. O jornalista da Folha de Londrina, Nilton Goes, escreve uma coluna dedicada a criticar a postura gananciosa dos dirigentes do Londrina, em vista dos aumentos de preços dos ingressos. Conduta jornalística típica das colunas dos jornais esportivos, na qual há um

posicionamento claro em defesa do ponto de vista do escritor, sem preocupação com o discurso neutro, o ator social representa-se através do clube local e permite a ótica de aproximação com o torcedor local. Grande parte dos comentaristas das colunas esportivas da Folha de Londrina tenderam a dialogar proximamente dos torcedores do LEC, de tal forma a proporcionar ao leitor uma identidade em comum.

De acordo com Goes mesmo o clube tendo de pagar os custos de 200 mil cruzeiros mensalmente não é por si só razão para a ganância.

Que alguns diretores estejam se sacrificando – apesar de ninguém fazer isto gananciosamente, pois o ser humano é muito vaidoso e esta é uma boa maneira de aparecer perante a opinião pública – que o poder público municipal também dê sua quota, mas não aceitamos que sacrifiquem o torcedor de futebol que em sua maioria esmagadora é de classe média para baixo. A ganância financeira do Londrina já passou dos limites. Na partida contra o Atlético, muitos sócios e torcedores voltaram para suas casas por não concordarem em comprar seu ingresso das mãos dos cambistas (há quem diga que estes são do próprio clube e que até pessoas da imprensa estão utilizando este meio incidente para explorar o povo). Uma lástima. (GOES, 1976, p. 13).

Estes jogos aconteciam ainda no estádio Vitorino Gonçalves Dias (VGD), com capacidade de aproximadamente 15 mil torcedores, número bem modesto perto da capacidade do estádio do Café, ainda em construção, para cerca de 50 mil espectadores. O aumento significativo da capacidade de público denota que para a disputa de um campeonato nacional, como desejo do LEC, o acanhado VGD não seria o ideal para acomodar a torcida crescente.

O VGD foi construído na década de 1950 pela Prefeitura Municipal de Londrina, quando já havia naquele terreno um pequeno campo de futebol. O LEC lutou por anos pela posse do estádio, e só veio a conseguir, de fato, em 1990 através da doação do então prefeito Antônio Belinati. O nome VGD é uma homenagem ao professor de educação física Vitorino Gonçalves Dias. Pioneiro da cidade, oriundo de Jaboticabal, passou a comandar o time de basquete do Colégio Londrinense, e tornou-se um atleta e treinador renomado na cidade, tendo organizado diversos eventos esportivos de destaque na época. Morreu precocemente, com apenas 34 anos de idade, vítima de raiva, após ser mordido pelo seu próprio cão.

Nota-se frente a este espectro o aumento do interesse da população londrinense pelo futebol, atraindo mesmo torcedores de boa parte das cidades vizinhas aos estádios da cidade e da região, como Maringá. A FL dedicou uma cobertura ampla do “clássico do café” entre LEC e Maringá F. C. pelo campeonato paranaense de 1976. Cerca de 25 mil pessoas compareceram ao estádio naquela oportunidade, sendo que 8 mil seriam torcedores do LEC, das cidades de Londrina, Ibiporã, Sertanópolis, Cambé, Rolândia e Apucarana. (FOLHA DE LONDRINA, 1976, p. 16). Vimos que a incorporação da identificação dos torcedores do LEC extrapola os limites físicos da cidade, já que municípios vizinhos também aparecem com frequência nas referências dos simpatizantes do clube.

Percebemos esta situação claramente no discurso do vice-presidente do LEC, Agudo Romão, um dos líderes da nova gestão administrativa e incentivador da participação do LEC no nacional. De acordo com o dirigente, o LEC vinha superando as suas expectativas e conduzindo uma movimentação intensa em torno do clube perante a região Norte do Paraná.

O Londrina foi uma surpresa muito agradável, pois não esperávamos sucesso tão grande. A gente sabia que ia modificar muitas coisas, todavia o movimento superou a expectativa, não só para nossa felicidade, como também para alegria de toda a cidade e região. Hoje o Londrina é um clube regional, recebendo em dias de jogos o apoio de torcedores de Ibiporã, Cambé, Rolândia, Arapongas, Astorga, Jataizinho, Sertanópolis, Bela Vista, Alvorada do Sul e outras cidades. Tenho muitos amigos espalhados por esta região, que me procuraram para dizer que estão prestigiando o time, inclusive trazendo faixas. Hoje a luta não é somente da diretoria, englobando comércio, indústria, imprensa e autoridades. Esperamos manter este embalo e levar o clube ao título estadual. A torcida sofreu muito, e hoje merece a alegria que o time esta lhe proporcionando. (FOLHA DE LONDRINA, 1976, p. 24).

Vemos na explanação do dirigente uma valorização evidente do trabalho feito por seu grupo administrativo, Romão defende o modelo de gestão de Jacy Scaff, em detrimento das gestões passadas, as quais obrigava o presidente a arcar com todas as responsabilidades (FOLHA DE LONDRINA, 1976, p. 24). Estamos diante, portanto, de dois aspectos centrais que se interligam intimamente na conceituação da gestão do LEC. Mais uma vez a valorização das atividades gestoras pode ser pensada concomitante a expansão dos torcedores do clube. Numa cidade aparentemente fria para o futebol, (FOLHA DE LONDRINA, 1976, p. 24) emerge um enorme movimento em

prol do LEC. Os significados da associação clubística tão efervescente foge das pretensões deste trabalho, no entanto, podemos apontar para uma via exploratória da representação de riqueza e opulência, características das décadas anteriores ao apogeu do LEC em fins dos anos 70.

Após o quadro de eliminação do time no estadual de 1976 houve certo questionamento das capacidades reais do clube sob a perspectiva das projeções que vinham sendo praticadas pela FL. Mesmo assim, o fator do público e das rendas continuou exercendo preponderância para os jornalistas como exemplo para CBD (Confederação Brasileira de Desportos), no intento de inclusão no Nacional. Pois era essa a entidade responsável pela organização e conseqüentemente pela escolha das equipes a compor o campeonato.

Se não ganharmos os jogos, teremos que ganhar nas rendas, para continuar sonhando com as possibilidades de participar do Brasileirão. É uma luta árdua, mas que pode ser vencida se o povão continuar comparecendo. A propósito, está na hora dos dirigentes do alviceleste promoverem amistoso com grandes equipes brasileiras, aproveitando as folgas que surgirem no campeonato. Isso também ajudaria sobremaneira a provar que merecemos a chance pleiteada. A vinda de equipes renomadas do Rio e de São Paulo seria a derradeira propaganda para que o LEC penetrasse na CBD. (CAMPOS, 1976, p. 13).

A defesa para a inclusão no campeonato nacional seria o grande público que a cidade tem a ofertar e as grandes possibilidades de rendas, conseqüentemente a obtenção de lucros. Se o LEC demonstrasse ser capaz de atrair multidões seria bem apropriada sua participação na elite do futebol, neste âmbito, a construção do estádio do Café foi sem dúvida chave para a concretização deste projeto.

Após ter sua participação assegurada no campeonato nacional, e já com o estádio do café pronto para as partidas é possível obter as pistas que indicam o crescimento da torcida do LEC, em comparação com as equipes com mais adeptos historicamente na cidade, oriundas do eixo Rio-São Paulo. Segundo uma propaganda publicada na Folha de Londrina dentro de um suplemento especial voltado apenas a repercutir o LEC no campeonato brasileiro, o torcedor londrinense deve torcer agora apenas para um time no nacional (FOLHA DE LONDRINA, 1976, p. 111).

Figura 2 - Propaganda comercial da empresa Maracaju



Fonte: FOLHA DE LONDRINA, 29 de ago. 1976. Centro de Documentação e Pesquisa Histórica.

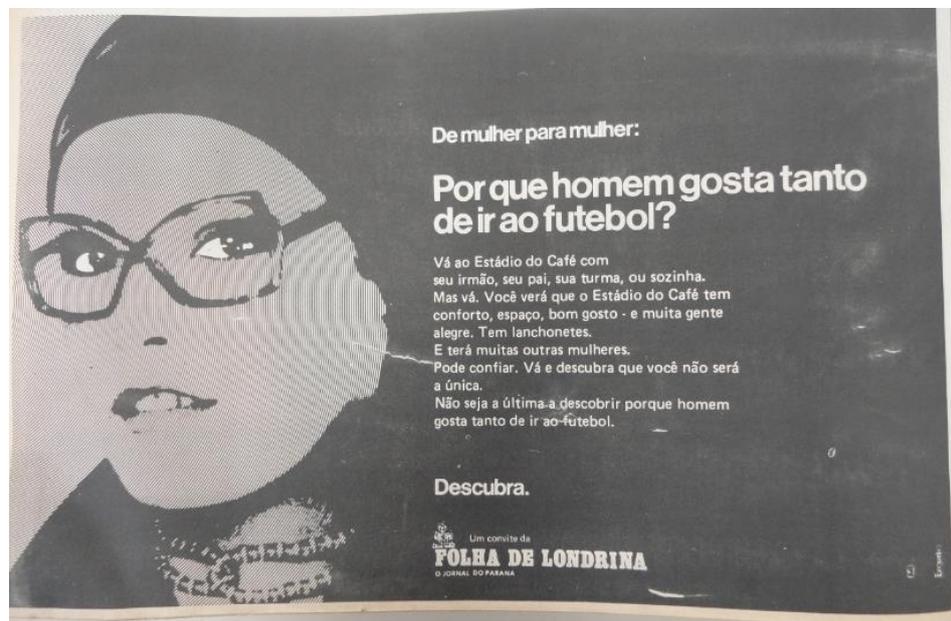
A propaganda refere-se a inclusão do LEC no campeonato brasileiro de 1976 e coloca o torcedor em situação de escolha por este clube, acima de todos os demais times. O que revela esta propaganda é a falta de um time local disputando uma grande competição, mais do que isso, oferece a possibilidade de pensar como se deu o processo de formação do mercado consumidor, isto é, os torcedores do LEC.

Visto que esta representação parte do comércio local, a concessionária Maracaju, intuímos para os interesses comerciais em associar o LEC ao torcedor londrinense. Neste mesmo suplemento são diversificados os anúncios relacionados ao futebol londrinense. A construção do estádio do Café, pensada a partir do plano do futebol-empresa em arregimentar o maior número de torcedores fosse possível, qualifica um grande espaço para um grande público. Com capacidade para abrigar mais de 50 mil torcedores, o estádio dentro do contexto nacional é uma obra colossal.

Numa outra propaganda, em espécie de convite da Folha de Londrina (1976, p. 2), divulgando o estádio propriamente dito, e incentivando a população ir ao

espetáculo no dia da inauguração, situou um elemento do futebol modernizador pretendido pelo LEC. Direcionado ao público feminino, nota-se as qualidades atribuídas à edificação, possuidora de instalações de bom gosto, com espaço, conforto e lanchonetes. Em modo imperativo, as mulheres são conclamadas a irem ao estádio, motivadas ao descobrimento do universo masculino e instigadas pela curiosidade que desperta o gosto do futebol em estádios. O que sobressai em nosso olhar é o intento em atrair não tão somente o público masculino, preponderante no universo futebolístico de massa, mas incluir aí mulheres e crianças. Sob a finalidade de conseguir o maior público consumidor, o estádio moderno se correlaciona diretamente ao futebol-empresa. Interessante ainda observar o título do convite, “De mulher para mulher”, teria, portanto, sido pensado e escrito por uma senhorita? Ou essa frase faz sentido diante a estratégia de marketing da Folha de Londrina em tentar aproximar as mulheres ao universo futebolístico, ao fazer com que estas mulheres tenham maior interesse pelo fato do convite partir de alguém do mesmo gênero?

Figura 3 - Propaganda da Folha de Londrina



Fonte: FOLHA DE LONDRINA, 22 de ago. 1976. Centro de Documentação e Pesquisa Histórica.

Toda esta conjuntura proporciona analisar como as mudanças ocorridas no gerenciamento do futebol do LEC são projetos modernos de gestão, inspirados sobre um modelo definido sob o título de futebol-empresa. Inclui-se neste projeto a

ampliação do público consumidor do LEC com a construção do Estádio do Café para atender este novo segmento, como também a reestruturação da base gerencial do clube por meio da contratação de dirigentes profissionais, e a organização dos departamentos médico, financeiro e administrativo.

2 FOLHA DE LONDRINA E O LONDRINA ESPORTE CLUBE

É notável para os estudos históricos o papel e a contribuição da imprensa enquanto fonte documental, assim como objeto de pesquisa, processo que veio se consolidando paulatinamente desde meados do último século. O deslocamento do interesse acadêmico pela investigação pautada por periódicos tem atribuído a esses veículos de comunicação uma alternativa para a compreensão de uma dada sociedade, levando em conta a perspectiva de que os jornais estão inseridos na ambiguidade de noticiar a realidade passada e trivial, ao mesmo tempo em que vendem suas notícias sobre o cotidiano a um mercado consumidor estabelecido.

Torna-se elementar tomar as devidas precauções ao analisar este documento histórico, o risco, neste sentido, encontra-se na possível tentativa do pesquisador, por vezes não intencional, em buscar nos documentos históricos estritamente elementos capazes de corroborar suas hipóteses iniciais. Porquanto que as fontes não possuem o poder de emitir significados e discursos por conta própria. O historiador na atividade de seu ofício deverá estar incumbido desta tarefa, embora, sua construção narrativa do objeto revelará invariavelmente seu ponto de vista.

A imprensa no Brasil tem seu início marcadamente no século XIX durante o período colonial, e sua consolidação aconteceria durante todo o decorrer deste período até a monarquia. Enquanto que é no período republicano que os veículos midiáticos assumem uma caracterização de concentração de poder pelas grandes empresas e seus capitais de investimentos.

Essa transição começara antes do fim do século, naturalmente, quando se esboçara, mas fica bem marcada quando se abre a nova centúria. Está naturalmente ligada às transformações do país, em seu conjunto, e, nele, à ascensão burguesa, ao avanço das relações capitalistas: a transformação na imprensa é um dos aspectos desse avanço; o jornal será, daí por diante, empresa capitalista, de maior ou menor porte. (SODRÉ, 1999, p. 275).

No entanto, a complexa rede de conglomerados midiáticos da atualidade não compartilha em quase nada das características da incipiente imprensa brasileira do período oitocentista. Mas, outra faceta pode ser observada certamente nas últimas décadas do século XIX, “se inicia, mesmo que me bases precárias, o processo da moderna comunicação de massa”. (VELLOSO, 2006 apud MELO, 2012. p. 24).

Como estudo de caso, Melo (2012, p. 30) analisou a imprensa esportiva no Rio de Janeiro no século XIX e início do século seguinte. Assim sendo, o autor pontua que

A imprensa, por seu lado, também celebrava essa relação próxima, que lhe trazia benefícios diretos (como o aumento da venda de exemplares e a comercialização de espaços publicitários, dos clubes ou das empresas que ligavam seus produtos à prática esportiva) e indiretos (como o reconhecimento por parte de membros das elites que frequentavam as agremiações e eventos esportivos).

Silva (1998) realiza em seu estudo uma abordagem muito perspicaz acerca do processo de apropriação cultural do esporte britânico pelas classes populares durante a década de 1930 em São Paulo. Dado que o *football* chegou ao território brasileiro através de jovens estudantes vindos da Europa, notadamente advindos do Reino Unido. Contudo, existem relatos de jogos praticados, especialmente no litoral, com características muito semelhantes ao futebol trazido por Charles Miller. Muito embora, estes jogos não eram sistematizados em torno de regras e condutas específicas, sendo praticados de forma mais livre. A atribuição a Charles Miller pela vinda do futebol deve-se por conta da chegada, concomitante ao esporte, de regras organizadas e dos equipamentos considerados necessários para a prática da atividade.

O futebol esteve, em certa medida, circunscrito a esfera de sociabilidade das elites nos centros de emergência deste esporte, as grandes metrópoles, como o Rio de Janeiro e São Paulo. As próprias exigências à prática do esporte o delimitaram inicialmente aos grupos de elite. Porém, Silva conduz sua análise no sentido de analisar como os trabalhadores e operários, inicialmente negados à sociabilidade do futebol, passaram a não somente praticar o esporte, como também desempenhar um papel decisivo na sua prática.

Temos no Rio de Janeiro do período de transição entre os séculos XIX e XX, uma transmutação verificada no espectro da preferência esportiva. O futebol, neste sentido, passou a ocupar paulatinamente a preponderância no noticiário especializado em detrimento do remo, que figurou como esporte mais popular até o início dos anos 20. Melo aponta para uma via de mão dupla no processo que engendrou o futebol na sua popularização, tanto a imprensa desempenhou papel decisivo ao divulgar e incentivar a prática, quanto os receptores passaram a se

interessar mais pelo esporte em questão, justamente por este constar diariamente nas páginas do jornal. Pensando ainda sob outra perspectiva, não podemos supervalorizar a imprensa, pois se abre a questão que remete à importância de o futebol ter obrigado os jornais a abrirem espaço a esta modalidade

Já nas primeiras décadas do século XX, com o futebol se consolidando entre a população mais pobre, se observa o surgimento de periódicos específicos para a cobertura esportiva. Em São Paulo temos o caso da *Gazeta Esportiva*, um dos periódicos que alcançou mais sucesso em vendas durante bom período, vindo a encerrar suas atividades somente no ano de 2001. O *Jornal dos Sports*, propriedade do famoso cronista Mário Filho, no Rio de Janeiro, é outro exemplo de um periódico bem-sucedido em meados do último século, mas que não perdurou até a atualidade. Este periódico encontra-se disponível digitalizado no site da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

A partir dos anos de 1970 houve um processo contínuo e gradual de enfraquecimento deste modelo de imprensa esportiva. Na contramão deste processo, alguns empresários, estrategicamente, tiveram a iniciativa da abertura de novos formatos mais dinâmicos e com linguagem mais próxima do cotidiano do torcedor. Recebe destaque a presença visual nestes periódicos, com uma vastidão de imagens e fotos. Nesta lavra podemos incluir a revista *Placar*, pertencente à editora Abril, criada em 1970 para ser distribuída semanalmente, assim como o jornal diário *O Lance!* criado nos anos 1990 com uma proposta inteiramente inovadora para a imprensa escrita brasileira, inspirado nos tablóides ingleses. A concepção deste jornal é se aproximar do sentimento do torcedor, numa linguagem que preza pelo popular, em face da formalidade dos grandes jornais.

A Folha de Londrina fornece um indicativo ímpar sobre a linguagem adotada mais comumente pelos jornais em meados do último século, o jornalista Rafael Lamastra Jr. ao se referir aos primórdios do noticiário esportivo deixa claro qual o estilo perspectivado pelo jornal.

A linguagem era difícil, rebuscada, quase uma linguagem oficial. Aliás, uma particularidade que o esporte teria, por muitos anos, seria esse tipo de linguagem difícil, figurada, que continuaria mesmo quando o resto do jornal se modificara, se modernizara. (LAMASTRA JUNIOR, 1982, p. 4).

A multiplicidade de periódicos esportivos no Brasil não se restringe aos mencionados acima, nem se pode caracterizá-los com maior influência ou relevância para a conjuntura da mídia escrita. Porém, em linhas gerais, são exemplos significativos da presença do esporte como elemento residual e aglutinador de grandes contingentes populacionais nos centros brasileiros de grande destaque.

2.1 Imprensa em Londrina

Antes mesmo da emancipação política do município de Londrina, em dezembro de 1934, já podemos situar a presença da imprensa na região segundo a obra escrita pelos jornalistas Trigueiros Filho e Trigueiros Neto (1991), *História da Imprensa em Londrina*. O primeiro jornal a circular na comunidade londrinense, então distrito do município de Jataí,³ foi o *Paraná Norte*. Este jornal acabou se tornando um dos mais relevantes veículos de comunicação dos primeiros decênios da cidade emergente.

Dentro de um contexto de expansão demográfica e crescimento econômico notável do jovem município, é perceptível o alinhamento do *Paraná Norte* com o projeto de colonização dos ingleses da Companhia de Terras Norte do Paraná, subsidiária da *Paraná Plantations Syndicate*, empresa com sede em Londres.

O *Paraná-Norte* adotou, assim, uma maneira até despreziosa na sua linha editorial. Eram nítidas as vinculações financeiras do jornal com a Companhia de Terras Norte do Paraná. O anúncio era estampado na última página, ostentando as vantagens de colonização e desenvolvimento do Norte do Paraná. (TRIGUEIROS FILHO; TRIGUEIROS NETO, 1991, p. 23).

A CTNP, empresa de origem inglesa e que foi responsável pelo loteamento de terras em boa parte da região norte do Paraná soube bem se utilizar da propaganda como alternativa para divulgar seu empreendimento que engendrava o discurso exaltante dos benefícios das férteis terras paranaenses. Deste modo, é entendido como características deste discurso os elementos, tais quais a fertilidade excepcional do solo, clima favorável para produção agrícola, oportunidades abundantes de trabalho, entre outros. Alguns conceitos como progresso e desenvolvimento estavam imbuídos na propaganda oficial da CTNP.

³ Sede política da região até Londrina se municipalizar em 1934.

Vemos que um dos recursos mais utilizados pela CTNP como forma de divulgar os seus negócios, principalmente a venda de lotes de terras, foi através da publicidade presente nos jornais locais. Portanto, a propaganda da empresa idealizadora do projeto de venda de terras na região sustentou uma parte considerável da renda daqueles que foram os primeiros e mais reconhecidos periódicos impressos.

De certa forma, podemos induzir uma relação estabelecida entre o poder exercido pela instituição responsável pelo loteamento e venda de terras com os veículos de comunicação impressos. Também se observa uma relação construída pelos jornais e o poder constitucional dentro da cidade. Trigueiros Filho e Trigueiros Neto apontam diferentes casos de apoio por parte dos veículos de comunicação a determinadas candidaturas de políticos locais em disputas eleitorais. Ainda segundo consta na obra dos jornalistas, a manutenção e a garantia de custeamento da produção dos primeiros jornais é resultado de intrínseca relação dos jornais com os setores econômicos mais vigorosos do município, como a agricultura e o comércio.

Cabe salientar que boa parte dos principais periódicos era de propriedade de sujeitos com alguma capacidade financeira. Este elemento é verificável pelas condições dos elevados custos com a produção e distribuição do suporte físico do jornal. Era preciso de uma máquina de impressão, ou mediante a impossibilidade de aquisição, a estratégia usada era pagar por este serviço prestado por outro jornal. Diante destas circunstâncias é possível alegar que um mínimo de capital financeiro era necessário para se almejar a criação de um novo periódico, e ainda era providencial que se justificasse grande parte das despesas devidas aos gastos decorrentes do processo de produção, compreendido na sua extensão desde a manutenção do prédio sede do jornal, como pagamento de funcionários e a impressão.

Alguns casos podem ser entendidos a partir da relação entre grupos detentores do poder político, assim como, o poder econômico, com a imprensa local, a exemplo do jornal *Paraná Norte* que foi adquirido pelo próspero fazendeiro e corretor de imóveis Dario Ferreira, em 1943, ou como o *Paraná Jornal*, periódico que pertenceu ao médico Justiniano Clímaco da Silva. (TRIGUEIROS FILHO; TRIGUEIROS NETO, 1991, p. 25).

Em 1946, o Partido Social Democrático sentia falta de um veículo de comunicação por esta região. “Dr. Clímaco” como era conhecido, considerado médico conceituado, logo foi procurado por amigos

políticos que o convenceram a se candidatar para deputado estadual constituinte e a fundar um jornal de sustentação ao Governo do Estado. Foi quando juntou-se ao amigo e também conterrâneo Fausto Peppe, gráfico e bem falante e montaram o Paraná-Jornal. (TRIGUEIROS FILHO; TRIGUEIROS NETO, 1991, p. 37).

Por outro viés, o investimento realizado pelos empresários na abertura de novos jornais não era garantia de lucratividade certa. No entanto, não podemos deduzir se estes pequenos empresários objetivavam este fim específico. É residual apontar para a relação estabelecida entre os financiadores dos veículos de imprensa com a política regional e com o poder financeiro exercido por estes grupos.

A consolidação da imprensa teve seus percalços devido ao quadro de incertezas nas décadas posteriores ao aparecimento dos primeiros jornais, “nesse período, de 40 a 60, Londrina teve muitos periódicos, alguns efêmeros, outros de maior longevidade”. (TRIGUEIROS FILHO; TRIGUEIROS NETO, 1991, p. 39). Dois aspectos merecem atenção. Em primeiro lugar, há de se destacar que houve uma iniciativa acentuada para abertura desses periódicos entre o período que compreende os anos de trinta a setenta, Trigueiros Filho e Trigueiros Neto contabilizam inúmeros periódicos emergentes na cidade neste momento circunscrito. Os principiantes empresários e jornalistas tiveram de conviver com dificuldades financeiras, que por vezes acarretaram em diversos negócios falidos.

Houve também uma parte da imprensa escrita que persistiu acalentada pela economia favorável ao seu funcionamento, consolidando-se como referência no âmbito regional. Quiçá o jornal que obteve a maior visibilidade desde o seu início e que se mantém em atividade no tempo presente seja a Folha de Londrina.

Bem como a assertiva de Cruz e Peixoto (2007, p. 262) em caracterizar as edições comemorativas de um periódico como movimento explícito de produção e atualização de memórias, entendemos a edição especial referente aos 35 anos da Folha de Londrina de acordo com o interesse de perpetuar a história do jornal a partir do seu próprio ponto de vista. Propor uma análise da história da Folha de Londrina a partir da própria fonte histórica denota uma pretensão plausível para este trabalho.

Sendo assim, vejamos como o proprietário do jornal, João Milanez, se define em relação às disputas sociais entre grupos políticos na edição especial de 1982,

Existem dois tipos de gente, os que têm poder e os que não têm, em qualquer classe ou situação. Eu tenho poder, que é uma força

INTERNA. Existem dois jeitos de exercer o poder pela coesão e pela palavra. Eu escolhi a palavra, e aquele anunciante ou aquele assinante que confiaram em mim 35 anos atrás, sabem disso melhor do que ninguém. (PELLEGRINI JUNIOR, 1982, p. 1-2).

Percebemos que Milanez se posiciona claramente em uma situação favorável nas relações de poder coexistentes na sociedade londrinense. Segundo o empresário, sua atuação na redação do jornal é na base da argumentação, da insistência e até mesmo do estilo ditatorial, fazendo valer sua hierarquia dentro da Folha de Londrina. Atentamos ainda, no discurso de Milanez, para sua definição do jornal, pois sua atribuição a prestação de serviços como elemento central do periódico traz à tona seu primordial intento.

Um jornal diário não é uma trincheira de opiniões, é um divulgador de notícia e anúncios, um prestador de serviços antes de tudo. E a maior parte dos anúncios vem dos fortes, dos que vencem, como a maior parte das notícias fala das lutas e, naturalmente, muito mais dos vencedores que dos vencidos. Devemos fazer mais reportagens com o time que está ganhando ou com os que já perderam o campeonato? (PELLEGRINI JUNIOR, 1982, p. 1-2).

No jogo dialético das disputas entre segmentos sociais, está obviamente claro a postura a ser adotada pelo jornal. Induzimos para a falta de espaço para os vencidos, há apenas representações dos vencedores. Se o que importa é prestar serviços, ou seja, vender anúncios, os parceiros da Folha de Londrina são exemplos significativos de vencedores, segundo Milanez.

Possivelmente o jornal Folha de Londrina figurava como sendo um dos principais veículos de comunicação em âmbito local, e certamente contava com uma das maiores circulações dentro da comunidade londrinense, e, por conseguinte vendia com agudeza seu espaço publicitário. Nas palavras do próprio Milanez: “Certa vez eu fiz uma edição dessas numa cidade, não me lembro se no Natal ou no 7 de setembro, que tinha 28 páginas; só que tinha matéria na primeira e na última, as outras 26 eram só anúncio”. (FELISMINO, 1982, p. 3).

Já no começo da circulação do jornal, seu diretor-proprietário, Milanez, garante que entrevistou 5 mil pessoas na região, e fez 1.700 assinaturas logo no primeiro ano, ao passo que um jornal como o “Estadão” tirava 10 mil exemplares.

(FELISMINO, 1982, p. 3). Nos anos seguintes o jornal conseguiu se consolidar enquanto principal meio de comunicação na cidade,

Fizeram uma pesquisa naquela época, perguntando ao pessoal que tinha carro que jornal que lia. Em São Paulo, 30 por cento dos donos de carro liam o “Estadão”, 28 por cento a “Folha de São Paulo” e aqui em Londrina 68 por cento liam a FOLHA DE LONDRINA. Tudo bem que já era o único jornal, mas foi um belo índice, o maior do Brasil, todo mundo ficou sabendo. (FELISMINO, 1982, p. 3).

Ao observar a distribuição e organização do espaço no jornal é possível perceber que as propagandas possuíam um espaço consideravelmente relevante e apareciam com uma constância acentuada. A Folha de Londrina também se beneficiou da projeção do jornal fora do município, pois a circulação de seu produto alcançou outras cidades do estado, através de um sistema organizado de distribuição. Primeiramente, já nos anos 60, foram abertas linhas entre as principais cidades do estado, como Curitiba, Maringá, Ponta Grossa.

Foi aberta a de Umuarama, depois estendida até Guaíra, a de Campo Mourão foi estendida até Cascavel e depois Foz do Iguaçu. Depois, Campo Grande, Ivaiporã e nova linha para o Sul, passando por Santo Antonio da Platina e descendo até Ponta Grossa. Finalmente estendida até Querência do Norte a linha pioneira de Paranavaí. (TRIGUEIROS FILHO; TRIGUEIROS NETO, 1991, p. 55-56).

O jornal se caracterizou pela iniciativa de distribuir seu noticiário em nível regional, e inovou na elaboração de um setor dentro do jornal específico diretamente pela distribuição do periódico, o departamento de criação. Por ter um grande alcance de suas publicações, possivelmente as reportagens da Folha de Londrina repercutiam com elevada frequência e com intensidade expressiva entre a população.

O Folha de Londrina representa um discurso de poder, como presenciamos na análise do jornal, mas não podemos nos ater estritamente a este dado como assertiva da dualidade que esta noção possa denotar. Já que um discurso de legitimação do poder requer um sujeito ou objeto para sofrer a ação contrária a dominação. Devemos nos atentar para complexidade do jogo da linguagem, que ultrapassa os sentidos de representação do real. Por seu turno, nossa atenção se qualifica na questão linguística das fontes históricas, as interpretações dos sentidos

nos discursos são proeminentes diante da opacidade da luta entre representar a verdade, ou ainda a tentativa de se alcançá-la, mesmo frente ao inegável fracasso do intento.

Sendo assim, a historiografia não é capaz de reconstruir o passado, mas produz uma discursividade sobre a temporalidade com a ajuda de documentos e métodos, que são construídos no presente, lançando questões e respostas para um passado inacessível total ou parcialmente. Entende-se, portanto que a história fornece ferramentas que auxiliam a construção de interpretações. Não há a possibilidade de se estabelecer verdades com a história, mas, simplesmente, oferecer interpretações capazes de se inserirem nos jogos de saber e de poder. O discurso, inclusive o historiográfico, não consegue ir além dele mesmo. (BORDONAL; GIANNATTASIO, 2011, p. 19).

Sobre a data de fundação da Folha de Londrina ainda reside algumas incertezas de acordo com os testemunhos de seus próprios fundadores.

[...] Correia Neto logo redigiu o primeiro número que saiu com a data de 15 de novembro de 1947. No entanto o cabeçalho traz como lançamento a data de 13 de novembro. Já Rafael Lamastra em depoimento, afirma que o lançamento ocorreu em 29 de outubro [...] (TRIGUEIROS FILHO; TRIGUEIROS NETO, 1991, p. 42).

É interessante notar que no princípio do jornal havia uma certa descrença na sua permanência por muitos anos. Evidenciamos esta afirmativa por meio da prerrogativa dos próprios funcionários que não mantinham nenhum interesse por arquivar as edições do periódico, movidos justamente pelo descrédito no futuro do projeto.

Da história mesmo, pouca gente sabe. Vão de incêndios ao desleixo. Mas a verdade é que tantos jornais se perderam porque a FOLHA não foi programada para sobreviver. Isto pode ser testemunhado pelas próprias palavras do seu redator-chefe, Walmor Macarini, há 27 anos na FOLHA DE LONDRINA. “Nós éramos muito poucos para fazer tudo. A FOLHA tinha tantas dificuldades financeiras que não podíamos acreditar no amanhã”. [...] Como não havia dinheiro, espaço físico nem pessoa para se ocupar de um arquivo, nem tampouco acreditava-se no jornal como fonte de referências e pesquisas. Assim muitas edições se perderam. (PAOLIELO, 1982, p. 6).

A preocupação em se cultivar um espaço organizado para arquivamento e conservação das edições do jornal só veio após a consolidação deste segmento no mercado comercial londrinense, ou seja, quando a Folha de Londrina já ocupara a preeminência dentre os periódicos da cidade. A Biblioteca Pública Municipal de Londrina manteve arquivada toda a coleção da Folha de Londrina desde 1952, servindo como grande referência de pesquisas deste jornal. No entanto, as fontes consultadas neste trabalho são oriundas do Centro de Documentação e Pesquisa História (CDPH), órgão ligado ao departamento de História da Universidade Estadual de Londrina, que contém em seu arquivo as edições do jornal a partir do ano de 1954 até as edições atuais.

Janet Lever (1983), socióloga estadunidense, estabelece e desenvolve um conceito interessante para explicar o complexo fenômeno do futebol dentro dos limites geográficos das terras brasileiras. Para Lever o que caracteriza a cultura do futebol é a integração de grupos sociais através do conflito ocasionado pela disputa esportiva. Esse embate que pode ser observado como uma expressão ideológica de acordo com a autora.

O trabalho da norte americana é resultado dos anos passados pela pesquisadora no Brasil, e que a motivaram e despertaram sua curiosidade assim como o interesse pelas relações entre os torcedores dos clubes nacionais. Torna-se essencial pontuar que a comunidade londrinense se constituiu através de uma colonização extremamente heterogênea. Uma parcela significativa dos imigrantes de Londrina é oriunda do estado de São Paulo, e este aspecto pode servir como uma explicação plausível para a questão de uma grande porcentagem da população da cidade ser torcedores de clubes paulistas, com destaque para Corinthians, São Paulo e Palmeiras.

Para Arias Neto (2008, p. 15), um importante elemento para atração de imigrantes nas primeiras décadas foi à publicidade da CTNP, que alcançou todo o Brasil e ainda o exterior. Muitos europeus desembarcaram nessas terras fugindo das crises no velho continente. Assim como fizeram inúmeros asiáticos e povos oriundos de várias regiões do globo. Também vieram contingentes de pessoas de várias regiões, mas especialmente do centro-sul (São Paulo e Minas) e do Nordeste. O autor ainda pontua que uma das dimensões do processo de fundação da região reside nas relações do Norte do Paraná com o pólo dinâmico do capitalismo nacional e internacional em São Paulo e em Londres. (ARIAS NETO, 2008, p. 29).

Considerando o quadro nacional com relação aos aspectos econômicos e sociais, Lever estrutura seu pensamento da seguinte maneira,

A integração nacional é especialmente problemática para as nações em desenvolvimento. O transporte e comunicações deficientes mantêm forte as diferenças regionais. Os investimentos externos aprofundam as divisões dentro das regiões, ao promoverem a modernização das grandes cidades do Terceiro Mundo, ao mesmo tempo em que o interior permanece 100 anos atrasado. A consciência nacional dessas nações tem sido retardada pela dominação estrangeira das instituições políticas, econômicas e culturais. Tais problemas não são facilmente superados. Assim como o desenvolvimento econômico é essencial para a independência de um povo, o nacionalismo cultural também é. (LEVER, 1983, p. 40-41).

As questões sociais que estão imbricadas com o esporte são essenciais para a compreensão deste fenômeno. É oportuno tratar o futebol como fator de integração nacional, permeado pela sua utilização por diferentes governos, assim como tem sido notável a intervenção do estado na gestão do futebol moderno. Os governantes brasileiros demonstraram interesse pelo futebol e os recursos que este esporte permitia desde que perceberam com clareza as potencialidades desta modalidade.

Se no começo do século precedente o futebol esteve intrinsecamente ligado as camadas da elite nos grandes centros em que era praticado, este quadro tomou rumos discrepantes da sua configuração inicial já a partir, sobremaneira, dos anos 1920. A explicação deste fenômeno está ligada a apropriação que as classes populares tomaram do futebol, reinventando suas práticas e dando uma nova significação ao esporte que começava a se transfigurar muito lentamente em espetáculo das grandes massas. A intervenção e a campanha por parte da imprensa da época e alguns políticos pela profissionalização do futebol nos anos 30 lograram êxito ao transformar o *football*, dos tempos em que predominavam os cavalheiros em campo, em um esporte no qual havia a possibilidade de jogadores pobres e negros obterem sucesso.

Diante da profissionalização, os jogadores de futebol puderam dedicar-se integralmente à prática que o esporte requeria. Pois o quadro mais comum nas disputas das primeiras ligas organizadas em competições que envolvessem os principais clubes, especialmente nos centros de São Paulo e Rio de Janeiro, era que

os jogadores se dividissem em seus empregos formais e o exercício do jogo. No decorrer do processo de apropriação, muitos trabalhadores de origem humilde, que não deslumbravam emancipar-se da condição miserável gerada pelo seu trabalho, perceberam na prática do futebol uma alternativa de garantir seus empregos e até obter condições mais amenas no ambiente de labor. Porquanto que boa parte das fábricas e empresas que empregavam estes atletas mantiveram interesse nas ligas e formaram times competitivos para as disputas.

A imprensa, neste quesito, não deixou de participar ativamente na questão da profissionalização do futebol brasileiro, seja defendendo o projeto ou o atacando. Haja vista que os primeiros jornais utilizaram em seus textos um número exacerbado de termos derivados do inglês para se referirem ao esporte bretão, o aportuguesamento das palavras no decorrer da consolidação do futebol enquanto espetáculo das multidões pode ser analisado como uma construção histórica e motivada pela popularização do esporte. A vulgarização do futebol se deu em boa medida pela divulgação sistemática da imprensa escrita, assim como a reformulação na linguagem desempenhou papel crucial. O mesmo processo também pode ser observado ao inverter a ordem de influências, dado que a imprensa passou a praticar a cobertura dos jogos pelo gosto popular no qual o futebol foi se enraizando. Assim, para citar alguns exemplos, *field* acabaria sendo substituído por *campo*, *team* por *time*, *match* por *jogo*, e assim por diante. (SILVA, 1998, p. 22).

Em estudo a respeito do *Jornal dos Sports*, Hollanda (2012), defende que este periódico sofreu uma pressão em razão das deliberações da Associação Brasileira de Cronistas Esportivos, que previa a conversão do léxico esportivo, justamente pelo processo de aportuguesamento do vocabulário, essencialmente estrangeiro, visto que o jornal *O Estado de São Paulo* já havia adotado as recomendações da associação em 1925. Vê-se, portanto, a ação dos cronistas esportivos organizados para normatizar o vocabulário dos jornais, numa tentativa que previa a uniformidade da escrita para representar o futebol fundamentalmente enquanto elemento nacional. Não somente este aparente aspecto é válido para explicitar as razões de tal fenômeno, como também está implícita no discurso a defesa pela profissionalização. Hollanda (2012, p. 86) afirma que o

O posicionamento político do jornal ante as possibilidades franqueadas pela conjuntura da época ia ao encontro de uma progressiva estruturação do campo esportivo. Os motivos parecem

óbvios, em virtude dos interesses comerciais diretos advindos da implantação do profissionalismo no futebol.

Visto que o fator de integração nacional foi uma preocupação latente durante praticamente todo o período republicano, o futebol foi constantemente explorado como elemento de justificação de projetos e sustentação de ideias. São notáveis alguns casos de utilização do futebol para fins de criação de uma identidade nacional, realçada pelos sentimentos propagados em torno da ideia de unificação do povo em prol de conquistas da pátria.

O esporte contribui para a integração nacional ao dar as pessoas de diferentes classes sociais, etnias, raças e religiões alguma coisa para partilhar e usar como base para a solidariedade ritual. Os indivíduos sentem lealdades diversas, algumas se interpondo com outras; objetivos amplos podem temporariamente unir as pessoas de diversos grupos e lugares. Os campeonatos estaduais unem o interior com a cidade principal; os campeonatos nacionais unem as cidades e todas as regiões; as competições internacionais concentram as identidades de todos, como cidadãos nacionais. O acontecimento é partilhado por todas as pessoas que residem dentro das fronteiras nacionais, tanto nas cidades como nos campos. (LEVER, 1983, p. 41).

Mesmo ponderando as afirmações de Lever, já que a generalização da qual a autora faz uso pode ser perigosa, o universo que circunscreve as práticas e as representações do futebol envolve no seu cerne uma exorbitante parcela da população nacional. Desta maneira, caracterizamos a produção da referida autora dentro do contexto que enxergava no fenômeno esportivo aspectos correlacionados ao conceito de alienação, marcante na produção das ciências humanas sobre o futebol até os anos 1980. Talvez a explicação deste aspecto se liga a conjuntura de utilização política do futebol.

Possivelmente, a situação política no Brasil e a instrumentalização do futebol como propaganda da ditadura instaurada em 1964 tingiram o futebol com as cores da alienação e do ufanismo, contribuindo para o relativo desprezo acadêmico. Nesse sentido, é interessante lembrar o trabalho de Janet Lever, de 1969, que visitava as questões de alienação e do ópio do povo relacionados ao futebol. (CAMPOS; ALFONSI, 2014, p. 9).

Apesar de o esporte ter esse caráter unificador e estar representado na concepção de identidade nacional, além de ocupar um espaço importante na cultural brasileira, nem sempre o jornal Folha de Londrina contou com um espaço exclusivo

para tratar dos esportes. Este dado serve como demonstrativo do interesse construído pelo futebol. Visto que ao se dedicar um espaço com exclusividade para temas correlacionados a prática esportiva, o jornal assume a importância em medida comparada a outros assuntos já consagrados no conteúdo jornalístico, como a política, economia e social. A partir da análise da presença esportiva no jornal sob a perspectiva interna de sua história, notamos que há uma exaltação sobre a cobertura esportiva associada ao momento de maior ascensão econômica na década de 1950, associando desenvolvimento à expansão de práticas esportivas.

Desde os primeiros anos, quando Londrina começou a tomar aspecto de cidade, e a FOLHA a tomar aspecto de jornal, o espaço aberto para o Esporte tem sido grande, vibrante, participante, pulsante. Ora entrando de cabeça nas questões mais polêmicas do Esporte na cidade, ora criando essas polêmicas. [...] Folheando-se arquivos dos jornais, percebe-se que em suas páginas estão impregnados os anos de euforia de conquistas no esporte amador, vividos pela cidade há 15 anos. E desde a linguagem utilizada, até uma foto publicada, sente-se as fases vividas por Londrina [...] Em 1952, a cidade se agitava, início de uma áurea fase que iria durar pelo menos mais de 20 anos, a palavra de ordem era crescer, desenvolver. E o esporte se desenvolvia. Acompanhando o número cada vez maior de “matches” que eram realizados pelos campinhos na nova cidade... (LAMAstra JUNIOR, 1982, p. 4).

O aspecto das notícias esportivas não terem ainda uma seção específica pode ser associado ao fato do futebol aparecer nas páginas do jornal junto a eventos sociais e de lazer. Pois já em seus primórdios, o futebol era a extensão do convívio social e um evento de sociabilidade por excelência. Bem como a consolidação de um clube local pode ter sido o fator fundamental para dispensar atenção específica sob o esporte futebolístico. O LEC, segundo este propósito, é chave para o entendimento da consolidação das seções esportivas. De acordos com Trigueiros Neto e Trigueiros Filho (1991, p. 57),

Até 69 a Folha ainda era, em grande parte, milagre repetido todo dia. A partir daí começou um processo de especialização e racionalização (...) Foram criadas as primeiras editoriais – Local, Esporte, Regional – e os setores Nacional e Internacional. Os colunistas e redatores de seções tiveram suas funções definidas. Criou-se uma Chefia de Reportagem – e, primeira vez, contratou-se repórteres com a função específica de sair do jornal em busca de notícias. Até então se considerava normal que as notícias viessem ao jornal, e era assim que se fazia a maior parte do noticiário local e esportivo.

Inicialmente a Folha era um jornal bi-semanário, com edições nas quintas feiras e aos domingos. Em 1952 o jornal ganha finalmente o formato diário, como funciona até os dias atuais. Suas primeiras edições contavam com 6 páginas ao todo. Contudo, desde o início não havia uma cobertura sistematizada acerca do futebol e outros esportes. Entretanto, eram recorrentes as reportagens relatando pequenos jogos entre times locais, e por vezes, os envolvidos nos jogos eram financiadores da publicidade do jornal. Sobre a definição de um segmento exclusivo para tratar dos esportes, este fenômeno ocorre na década de 50.

Na edição de 13 maio de 1952, quando o jornal já passava a ser diário, após ter sido bi-semanário, A FOLHA já apresentava sua seção de esportes. Não era uma página inteira, pois naquela época o jornal circulava apenas com seis. Mas, mesmo assim, o espaço era grande. A seção "*Vida Esportiva*" era assinada por Gerson Tavares e dividia a página 4 do jornal com o "Indicador Profissional": metade para os anúncios, metade para as notícias do esporte. Logo abaixo do nome "*Vida Esportiva*", que servia apenas para caracterizar a página, aparecia o nome de uma coluna, não assinada, chama "Esporte em Marcha". As colunas, aliás, iriam caracterizar as páginas esportivas da FOLHA durante todos esses anos. (LAMASTRA JUNIOR, 1982, p. 4).

O aspecto que circunscreve ao aparecimento das seções exclusivas para os esportes é determinante e ocupa um lugar preponderante na explicação da identificação do futebol com a comunidade, que passa a ser tratada como torcedora. A organização das seções do jornal, além de ser um projeto de toda sua edição, considerou o grande apreço e a participação de seus consumidores com o futebol, como também sua expansão contínua para consolidar a ideia. Em contrapartida, depois da sistematização do noticiário esportivo, podemos apontar para um novo fator de crescimento e popularização do futebol, o crescimento e a ascensão do LEC na década de 1970.

Considerando que os jornais apresentam um modo de leitura do mundo cotidiano das pessoas, que podem relevar aspectos como a cultura, os modos de vida, a sociabilidade, os costumes, política e ideologia de uma determinada sociedade, consideramos que o jornal Folha de Londrina pode ser um meio para refletir sobre estas circunstâncias neste trabalho. Notamos que existe um paralelo criado pelo jornal em sua relação com a cidade, de acordo com a edição

comemorativa de aniversário de 1982, costuma-se dizer que, ao longo desses 35 anos, a história da FOLHA confunde-se com a história da cidade, e vice-versa. (LAMASTRA JUNIOR, 1982, p. 4). Também é perceptível a vinculação do jornal com o maior clube de futebol profissional em Londrina,

A partir da segunda metade de 1956 a cidade começa a viver momentos de euforia com o surgimento do Londrina F.C. Na FOLHA também era tempo de alegria: a 6 de junho, um anúncio de página inteira anunciava, ufano, “*a entrada em funcionamento da rotativa ‘Koenig e Bauer’, com capacidade para 18 mil exemplares por hora!*” (LAMASTRA JUNIOR, 1982, p. 5).

Seria elementar constatar, ou pelo menos tentar se aproximar do público predominante de leitores da Folha de Londrina de modo mais abrangente. Calonga (2012, p. 84), atenta para uma questão salutar

[...] é necessário identificar, de antemão, o público ao qual o jornal pretende atingir, pois se alteram em função do leitor os aspectos visuais e de materialidade, incluindo-se maior ou menor número de ilustrações, páginas, textos, seções, formas de linguagem, diagramação, qualidade tipográfica, etc.

Pensamos, neste sentido, em leituras variadas que a população poderia fazer. Já que um sujeito não lê o jornal por inteiro necessariamente, é mais comum que faça leituras fragmentadas, de uma ou outra seção que venha a lhe interessar. Ainda é comum encontrar as páginas esportivas no final do jornal e seus destaques nas capas a fim de atrair compradores nas bancas de revista. Pontuamos também que o simples número de vendas registrado não identifica o real número de leitores de um determinado periódico, já que é normal que ambientes públicos disponibilizem estas mídias para leitura, fazendo circular seu conteúdo.

Será possível apreender uma construção de identidade futebolística local através da mídia, na forma do jornal Folha de Londrina? Esta questão não pode ser tomada a partir de uma explicação definitiva, nem findar um posicionamento.

2.2 Londrina Esporte Clube

A relação entre os esportes as cidades no Brasil do século XX têm suscitado uma porção considerável de pesquisas com esta temática nas últimas décadas. Entre as quais se destacam os estudos referentes a identidade nacional através do futebol e as Copas do Mundo, como também a formação das torcidas organizadas e as relações entre futebol e imprensa escrita. Relação esta, extremamente complexa e que atrai um olhar investigativo para fomentar uma problemática relevante quanto ao assunto. Se partirmos da consideração que o esporte é fruto da modernidade e seu projeto civilizatório, temos um panorama extremamente interessante para se compreender o processo de identificação das sociedades urbanas modernas, notadamente as metrópoles e cidades de médio porte, com a esfera esportiva que se constituía gradualmente. Consideramos ainda que o esporte seja caracterizado, sobretudo, pelo ideal de justiça, a diminuição dos graus de violência, a autonomia, a secularização e a ética. (FONSECA; HONORATO, 2014). Deste modo, esta concepção se mostra oportuna para pensarmos a relação entre os esportes, especialmente o futebol, e a sociedade londrinense.

A configuração inicial das atividades esportivas na região Norte do Paraná pode ser observada a partir da década de 1930 através de alguns registros documentais, principalmente o jornal Paraná-Norte, e imagens fotográficas. Colocamos em pauta esta questão via uma fotografia datada de agosto de 1937, na qual presenciamos jogadores de um time de futebol disposto em pose para o registro da imagem, com a seguinte sigla no escudo, SCL. Provável que a sigla seja a abreviatura de Sport Club Londrina.

Figura 4 - Fotografia com os jogadores de futebol de Londrina (1937)



Fonte: Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss.

Não disponibilizamos, em contrapartida, de acesso a fontes históricas sobre a prática esportiva antes da chegada da CTNP. Neste momento, aparentemente, o futebol era a prática mais comum entre os imigrantes, além de outros esportes, como o tênis. Através de dois projetos de pesquisa oriundos do departamento de educação física da Universidade Estadual de Londrina,⁴ foi possível digitalizar um total de 1059 notícias de esporte, retiradas de 203 edições do jornal Folha de Londrina entre os anos de 1952 a 1953. Porém, se considerarmos o período de 1953 a 1960, chega-se a 27.000 imagens digitalizadas. (FONSECA; HONORATO, 2014, p. 777). O intuito dos projetos é justamente criar um índice de pesquisa histórica para contribuir com futuros pesquisadores interessados em estudar o esporte em Londrina nas primeiras décadas, além de ajudar a conservar um acervo riquíssimo para demais pesquisas. Portanto, é possível perceber um número bastante considerável de referências esportivas no jornal Folha de Londrina durante

⁴Os projetos são: *História do esporte e do lazer em Londrina-PR (1934-1960)* (2011-2014) e *O esporte e o lazer na cidade de Londrina segundo a imprensa periódica (1952-1960)* (2014-Atual). Ambos coordenados pelo professor do departamento de Educação Física da UEL, Tony Honorato.

a década de 1950. Momento de intenso crescimento econômico e é também o período que corresponde ao surgimento do LEC, em 1956.

Dentre tanto esportes, o tênis tem presença marcante na cidade. Segundo Honorato e Paiva (2014, p. 627),

[...] o jornal Folha de Londrina (1993 p. 8) aponta a década de trinta como o momento em que este esporte chega a Londrina por intermédio dos ingleses. Esses primeiros indícios da prática do tênis estão relacionados à construção de uma quadra em meio a esforços de ingleses da Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP) que colonizou Londrina. A quadra era localizada onde hoje é a Biblioteca Municipal de Londrina.

Entretanto, os autores pontuam que o tênis, de modo geral, esteve sempre muito restrito a uma pequena parcela da sociedade, notadamente grupos sociais abastados. Sua caracterização enquanto fragmento das classes sociais de elite deve-se, em certa medida, pela prática entre homens e mulheres, assim como pela ausência de contato físico e pela exigência de roupas brancas, além da necessidade de uma quadra específica. Enquanto que o futebol é um esporte que envolve um número maior de participantes e nem sempre é preciso de um espaço sistematizado. Vejamos as inúmeras adaptações e improvisações feitas do esporte pelas camadas mais populares.

Deste modo, o futebol foi paulatinamente se consolidando no âmbito popular, na medida em que sua prática começou a experimentar uma difusão e ao mesmo tempo, observa-se um papel decisivo da imprensa na divulgação sistematizada no que concerne à cobertura esportiva. Muito embora, o futebol não figura com unicidade no quadro das atividades lúdicas partilhadas pela população regional, ele se configurou, fundamentalmente, no cerne do noticiário esportivo.

O Londrina Esporte Clube, time de futebol local com maior destaque na cidade, se constitui como elemento substancial para a pesquisa. No entanto, não foi o primeiro clube da cidade a se formar na cidade. Até nos anos 1950 Londrina teve um bom número de equipes amadoras disputando certames regionais.

Nessa época, quando a Londrina vibrava com seus times amadores – São Paulo, Portuguesa de Desportos, Sete de Setembro, Associação, Marianos, Cervejaria, entre outros – na vizinha Rolândia uma equipe causava sensação: a do Nacional A.C., que trazia ao

Paraná clubes como o Palmeiras, de São Paulo, e o Vasco, do Rio. (LAMASTRA JUNIOR, 1982, p. 5).

Duas obras em especial se dedicaram ao enfoque sobre o Londrina Esporte Clube sob a pretensão de escrever a história do referido clube na sua totalidade. *Londrina Esporte Clube 40 anos: do caçula gigante ao tubarão*, livro escrito pelo jornalista esportivo José Mateus de Lima (1996), em razão da comemoração do aniversário do clube, pode ser caracterizado como uma obra na qual se estabelece a ordem cronológica na narrativa, com pequenos textos, alguns em formatos de crônicas, nos entremeios do livro. Enquanto que Lima Sobrinho (2005), esportista que exerceu conjuntamente a atividade docente na área da educação física, publica *Londrina Esporte Clube contado... em fatos e fotos*. Esta obra que por sinal se apresenta com a pretensão de tecer a história do clube na sua plenitude, de maneira objetiva e factual.

Tornou-se muito comum estes tipos de publicações no ambiente letrado brasileiro, sobretudo a partir dos dois últimos decênios. Geralmente escrito por jornalistas, quase sempre fruto de alguma pesquisa, voltado ao grande público, com acentuada destinação aos torcedores do clube em questão no livro. Pode-se caracterizar uma boa parte destes livros como almanaques, contendo demasiado número de jogos e correlacionados. As obras em questão podem ser enquadradas segundo estas características.

A proposta de Lima Sobrinho é um tanto inviável dentro dos conceitos e teorias presentes na historiografia. Entende-se que um autor ao se utilizar de um recorte temático na sua estratégia narrativa, o intento da objetividade já se encontra insuficientemente plausível. As lacunas do passado, neste sentido, para a escrita da história, são imprescindíveis para que seja possível que o historiador, diante das suas subjetividades e indagações do tempo presente, volte-se ao passado na esperança de encontrar vestígios deste tempo. Uma dúvida recai justamente sobre esta questão, a proporção da medida que o pesquisador pode chegar ao tempo passado, se considerar que esta ambição esteja dentro de suas possibilidades.

Em que medida pode-se compreender o passado, da forma como ele realmente aconteceu, como apregoavam os defensores da escola metódica, ou somente de maneira parcial, como encontramos amparo em grande parte da historiografia do século XX? Para esta questão, o historiador é chamado ao debate epistemológico que tramita em seu campo de trabalho. Contudo, ainda existe outra

alternativa, a que aponta para a insuficiência da ambição de se conhecer o passado. Assim, este entendimento subjaz que o historiador ao estudar o texto, não é capaz de alcançar o mundo material na percepção da realidade, seja ela no passado ou no presente.

Não há como provar, cognitivamente, a existência do que se entende como real. A existência objetiva do real é pressuposta pela racionalidade do homem. O real não se dá a conhecer. A tentativa de apreender o passado pelo conhecimento denota um ato de violência, visto que, ao tentar conhecê-lo, produz-se um efeito, ou uma ilusão daquilo que ele já não é mais. A experiência vivida é uma incessante ruptura, na medida em que o real é inapreensível. Experimenta-se o real e não se conhece o real, ele não se manifesta como um efeito capaz de ser conhecido. A única via de acesso que o homem possui para conhecer o real é a linguagem, mas ao construir uma cadeia lógica de sinais que tenta referir-se a ele [um duplo], nesse exato momento, o real não se faz mais presente. É por ser inapreensível que o real é um pressuposto cognitivo. Este pressuposto só é possível pela construção da linguagem. (BORDONAL; GIANNATTASIO, 2011, p. 21).

Ao contrário da motivação da pesquisa de Lima Sobrinho, o estudo em questão não almeja constituir uma história oficial do LEC. E, compreende-se que ao analisar o noticiário da Folha de Londrina a respeito do clube, não está nos parâmetros o passado objetivo, mas sim o discurso deste passado. Portanto, o historiador ao escrever seu trabalho, nada mais está fazendo, se não interpretando a interpretação que um grupo fez da realidade de outrora. Nossa dimensão metodológica direciona “para a cena principal, a linguagem. De tal modo que, tanto o historiador moderno quanto o historiador pós-moderno são chamados a responder ao problema da relação entre história e linguagem”. (BORDONAL; GIANNATTASIO, 2011, p. 44).

Parece oportuno referenciar a situação do surgimento do LEC. A fundação do clube aconteceu após um episódio um tanto curioso. Alguns empresários de Londrina haviam ido prestigiar uma partida de futebol na cidade de Rolândia, entre o time local, o Nacional, versus o carioca Vasco da Gama no ano de 1956. Na volta a Londrina, os homens se indagaram sobre o fato da cidade de Rolândia possuir um time competitivo (capaz de ganhar por 3x2 do Vasco naquela ocasião) em comparação a Londrina, que poderia ter um clube de futebol a altura da cidade vizinha, portanto. Nasceu neste momento o *Londrina Futebol Clube*, já que o nome

atual, Londrina Esporte Clube, só veio a aparecer na década de 1970, depois de uma fusão com outro clube, o Paraná.

O LFC foi fundado, portanto, por pessoas aparentemente apoderadas financeiramente e com influência nos bastidores políticos. Nota-se um dado relevante na conjuntura fundadora do Londrina Futebol Clube, a motivação e esforço que os políticos e, uma boa leva de empresários empregaram para que o projeto de um clube local se firmasse e viesse no futuro render vantagens à cidade. O estatuto e a composição da diretoria do clube foram realizados no gabinete do então prefeito Antônio Fernandes Sobrinho. (LIMA, 1996, p. 9).

Consta no livro de Lima (1996, p. 11) que o primeiro campeonato no qual houve a participação do LEC, foi planejado e levado a cabo justamente pelo jornal Folha de Londrina. Posto este elemento, podemos inferir para o relacionamento entre mídia esportiva e clube local já nos primeiros anos de atividade de ambos. A promoção de um quadrangular envolvendo o recém fundado clube, contando com a participação do Nacional, da vizinha Rolândia, além de Uraí e Portuguesa de Desportos, de São Paulo, nos proporciona a análise que o periódico no intento da divulgação do futebol na cidade, e diante da lacuna de campeonatos oficiais fez o certame motivado pela divulgação do clube para a população local. Porém, o estabelecimento de uma cobertura sistemática acerca do LEC se deu na medida em que o time foi crescendo em dimensão econômica, social, cultural, assim como foi obtendo posições centrais da cultura futebolística.

A Folha de Londrina também deu créditos ao LEC na edição especial de aniversário, vinculando a história do clube com o jornal.

Fundando o Londrina Futebol Clube, a 5 de abril de 1956, a FOLHA passa a dar cobertura completa ao movimento de sócios, iniciado logo em seguida, e dia a dia, informava sobre as cifras atingidas na arrecadação feita através do Livro de Ouro do clube [...] Em menos de dois meses, o novo clube já mobilizara a cidade. O quadro de sócios ampliava-se rapidamente, o Livro de Ouro ia rendendo cada vez mais dinheiro e já se escolhiam elementos para a organização da sede e da organização do novo clube. A FOLHA publicava diariamente, os novos nomes de sócios, e cedia quase todo o seu Esporte para a grande novidade: o futebol profissional. (LAMASTRA JUNIOR, 1982, p. 5).

Até o ano de 1965 o campeonato paranaense não estava unificado entre todas as regiões do estado. Desse modo, surgiu em 1957, em um curto espaço de

tempo desde a fundação do LEC, o campeonato Norte Paranaense, no qual agrupava somente os clubes das cidades em torno de Londrina. Deve-se a um ocupante de um cargo na imprensa esportiva, o radialista Elias Harmuch, que comandava a sucursal da subsede da Federação Paranaense de Futebol, a organização do campeonato. O campeão iria disputar uma etapa final contra o vencedor do campeonato do Sul, e por vezes, com a participação do campeão do Norte Pioneiro.

Até o aparecimento do LEC, houve em Londrina algumas tentativas de profissionalização do futebol através dos clubes São Paulo, Operário XV de Novembro e C.A. Londrinense, mas o predominante era o futebol amador, praticado em profusão pelos bairros da cidade. (LIMA SOBRINHO, 2005, p. 5). A permanência e crescimento destes clubes no cenário esportivo não se concretizaram, entre outras explicações, talvez por conta da ausência de competições oficiais e poderio financeiro para realizar os investimentos cabíveis.

O clube de futebol do Londrina se apresentou, portanto, com características do profissionalismo a partir já de sua fundação, pois esteve envolvido nas competições oficiais do estado do Paraná, além de se inserir em jogos contra clubes de destaque no âmbito nacional. Assim, a análise aponta para um projeto definido no qual se amparou as direções do clube, mostrando o intuito de construir uma equipe de futebol forte, capaz de entrar nas principais disputas esportivas. O sucesso do LEC dentro dos gramados estaria justaposto com a promoção do nome da cidade em nível estadual e nacional. Neste sentido, temos que o LEC exerceu a representação do sucesso da cidade de Londrina, expresso na economia e sua cultura, reafirmando a altivez do município.

É sobretudo a partir da década de 1970 que este projeto se mostra com mais clareza. Jacy Scaff, presidente do clube na ocasião, através de contratações de jogadores renomados, ampliação da sede campestre e expansão social, sempre sonharam em transformar o Londrina no maior clube do Paraná. Não temos medida uniforme para aferir se a meta foi concluída, mas o que se mostra mais coerente é apontar para o projeto de representar a cidade de Londrina em uma ótica seminal. Um símbolo deste projeto pode ser constatado através do carinhoso apelido de *Caçula Gigante* recebido por um ex-presidente, Carlos Antonio Franchello. (LIMA, 1996, p. 95).

Apesar LEC adotar o futebol profissional desde sua fundação, por conta de disputar campeonatos organizados por federações, sua gestão administrativa pode ser apontada como amadora, se levarmos em consideração o conceito de futebol-empresa. Lima, em seu texto aborda uma variedade de casos no qual podemos configurar exemplos de administração amadora por parte daqueles que participavam dos bastidores do futebol no LEC e no cenário esportivo. Não raro, encontramos referência a utilização de métodos espirituais para se alcançar os objetivos pleiteados no concernente aos resultados de jogos. Notadamente, a “macumba” e os rituais mágicos que envolvem certa característica exótica são os principais meios recorridos pelos dirigentes. (LIMA, 1996, p. 59; 89; 97).

Outro marcante elemento do amadorismo gestor reside na relação entre arbitragem e direção dos clubes, segundo o que consta na obra de Lima. Pois não foram poucos os casos nos quais ocorreram a tentativa, com sucesso ou não, dos dirigentes em realizar um ato de corrupção através de pagamentos ao árbitro em favor da garantia de resultados favoráveis. Além de tantos outros casos desmedidos de violência da torcida contra os agentes do espetáculo do futebol e uso de drogas por parte dos atletas. (LIMA, 1996, p. 33). Com isso, contudo, não podemos garantir a ocorrência de tais atos, visto que a obra de Lima flerta com o estilo literário das crônicas esportivas e dos causos.

O LEC angariou uma significativa parcela da população londrinense para seu mote de torcedores mais próximos, inseridos no cotidiano do clube. Esta relação de identificação do londrinense com o LEC pode ser resultado do processo que ocorreu paulatinamente desde sua fundação. Já que até o presente momento, não havia um clube estruturado profissionalmente capaz de divulgar o nome da cidade através de participações em campeonatos regionais.

As torcidas uniformizadas e/ou organizadas representam um símbolo fulcral acerca da apropriação procedida pela comunidade londrinense no tocante ao aprofundamento das relações entre torcedor e clube. Até os anos 80 os cientistas sociais e até uma parte de historiadores, de uma forma simplificada, tenderam a perceber o futebol e suas manifestações como um fator determinante na alienação dos torcedores, e em expansão, da própria sociedade brasileira. Esta acepção tomou ares discrepantes a partir, sobretudo, dos anos 1980, promovidos por um aumento da produção e interesse acadêmico.

Neste sentido, seria fecundo categorizar um estudo perspicaz sobre a temática. O antropólogo Damo (2014), verte sua análise para a desconstrução da ideia de alienação provocada pelos efeitos do futebol. Segundo este autor, seria grotesco encontrar ressonância na concepção de torcedores alienados, ou até mesmo passivos. Pensando ainda sobre a proposta do pesquisador, podemos compreender o fenômeno futebolístico como um sistema de representações entre os agentes do espetáculo, cita-se os torcedores e jogadores. De modo que, direta ou indiretamente, os torcedores tornar-se-ão uma categoria de agentes que, ao invés de jogar, irão pagar para que outros joguem em seus lugares. (DAMO, 2014, p. 36).

No caso do LEC, as décadas iniciais após sua fundação foram decisivas na consolidação de um público torcedor e para a identificação por parte dos londrinenses, que ocasionalmente encontram no futebol, uma expressão de grandiosidade, assim como presente no discurso de progresso no qual a região foi identificada por uma leva de pesquisadores. Contudo, as primeiras torcidas organizadas na qual se tem conhecimento através da pesquisa bibliográfica levantada nos direcionam para a década de 1970, justamente no momento em que o clube alcançava seus resultados mais expressivos dentro de campo. A *Torcida Organizada do Londrina* (TOL), seria, portanto, a primeira agremiação fundamentada pelo intuito exclusivo de torcer e realizar um acompanhamento diário dos acontecimentos do clube, de acordo com Lima (1996, p. 77). Não obstante, outras torcidas com destinação semelhante também são referenciadas pelo autor, como a *Sangue Azul*, *Torcida Acadêmica do Londrina* (TAL) e a *Torcida Jovem*. No entanto, a escassez de registros documentais mais detalhados inviabilizam uma análise mais densa dentro do propósito de estudar cada torcida com mais afinco. Sabe-se, porém, que ao mesmo tempo, a TOL representou uma significativa expressão de identidade torcedora dos londrinenses.

A respeito da constituição das torcidas organizadas, pode-se considerar a década de 1970 como notadamente o período de maior crescimento destas agremiações em território brasileiro. No começo, as torcidas organizadas pautavam-se principalmente pelo apoio incondicional ao clube, em distinção das torcidas uniformizadas, comuns até idos de 60, na qual se agrupavam muito mais pela intenção de praticarem as manifestações torcedoras de forma partilhada e normatizada. Sendo assim, percebe-se o incremento deste novo espectro para o fenômeno futebolístico, transformando de maneira vital o próprio dinamismo das

relações entre clube e torcida, além de trazer novas significações nas práticas torcedoras.

É interessante notar o alinhamento das relações entre a FL e o LEC que paulatinamente configuraram este espectro. O primeiro campeonato nacional no qual o LEC participou pode ser enquadrado dentro do contexto político e social da época. Segundo relato do jornalista José Carlos Antão (2010), disponível em um blog na rede mundial de computadores conectados à internet, podemos obter referências importantes sobre o primeiro campeonato nacional do LEC. A questão política é, neste sentido, fundamental para compreender a entrada do LEC no campeonato. Uma frase popular para o período, dizia o seguinte “Onde a ARENA vai mal, um time no nacional”. ARENA era o partido do regime militar, que fazia oposição ao MDB, partido do então prefeito de Londrina, José Richa.

Se considerarmos que o nacional de 1976 teve um número de participantes recorde até então, 54, e chegou a contabilizar 216 jogos em um mês, este dado é significativo para pensar a motivação do incremento de tantos clubes, das mais variadas regiões, no campeonato brasileiro. Ainda de acordo com o relato, houve um intenso debate envolvendo radialistas esportivos londrinenses e maringáenses, já que as duas cidades estavam envolvidas no processo de inclusão no certame nacional. Um registro no texto traz uma informação crucial, o qual narra que torcedores da TOL, na ocasião de um jogo contra o Galo Maringá exibem com orgulho o jornal *Folha de Londrina* com a seguinte manchete, *Londrina no Nacional*, em claro confronto ideológico travado contra os torcedores adversários. A apropriação e utilização do jornal por membros da TOL dizem muito sobre os elementos de utilização da imprensa para justificação de ideias e/ou afirmação de posições sociais. O viés político e seus interesses subjacentes foram marcantes durante a trajetória do LEC. Vemos uma relação intrínseca entre dirigentes do Londrina com o ambiente político da cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de todo este quadro de empolgação gerado a partir do ano de 1976, com a introdução do modelo de gestão de futebol-empresa, que persiste até o ano de 1978, torna-se necessário tecer algumas considerações levando-se em conta a proposta trágica para pensar a ideia de progresso discutida anteriormente, pois esta noção pode ser observada a partir da exaltação e êxtase vivenciado pelo clube neste período.

A grande euforia da cidade com o time aconteceu no começo do ano de 1978, competindo ainda pela Taça Brasil de 1977. Num grupo com equipes tradicionais do futebol brasileiro, como o Corinthians, Vasco da Gama, Flamengo, Santos, além do Caxias-RS, o LEC terminou em primeiro lugar com ampla vantagem sobre os adversários, surpreendendo mesmo os comentaristas mais aficionados. Conquistando uma vaga para a semifinal do campeonato a euforia foi grande no jornal Folha de Londrina, após a partida que definiu o LEC como classificado houve uma edição extra para divulgar este acontecimento.

O que estava faltando para que o futebol, no Norte do Paraná, explodisse, era justamente que se adotasse em relação a ele a mesma filosofia que fez a grandeza do setentrião paranaense. Uma região como esta, rica, formada por um povo de vencedores, de gente que aceita e que vence desafios, só pode ser representada, em todos os setores, por vencedores. Se o Londrina, em outras ocasiões, não fez o que realizou agora, isto é que pode e deve considerado absurdo. Representando uma região como esta, o Londrina se encontra na posição que merece ostentar. Do mesmo modo que se for além, não deve surpreender. É certo que, agora, a coisa fica mais difícil. Os 4 melhores do Brasil estarão se defrontando. Vitória ou derrota são contingências do esporte. O que vale, porém, o que vai ficar é a classificação já obtida, o destaque atingido. Os atletas, os dirigentes, a população, estão, hoje, vibrando, sentindo a alegria pela demonstração de um poderio não imaginado. [...] O Brasil todo está falando, hoje, do Londrina, de Londrina e da região. As televisões, as emissoras de rádio, os jornais, todos levam aos 4 cantos um nome novo, um nome até agora desconhecido mas que, aos poucos vai se fazendo tão respeitado quanto o é a região que ostenta justo orgulho pelo que tem dado ao Brasil. E o Londrina, hoje é, também, um motivo de justificada satisfação para todos os norte-paranaenses e, mesmo, para os paranaenses de todos os quadrantes do Estado. (FOLHA DE LONDRINA, 1978, p. 2).

Vemos a partir desta citação o clima de otimismo com o clube, além de ser notória a relação estabelecida entre a cidade, e a região em extensão, com a

representatividade do LEC. A Folha de Londrina chegou a bater o recorde de vendas no dia seguinte a vitória sobre o Vasco da Gama no Rio de Janeiro com esta edição extra, chegando a setenta mil exemplares consumidos, segundo noticiado na edição do dia 21 de fevereiro. Ainda neste mesmo periódico encontramos em destaque o fato da recepção dos torcedores do LEC com a chegada da delegação londrinense na cidade, segundo o jornal “a maior recepção já prestada a um time de futebol no Paraná” (FOLHA DE LONDRINA, 1978). É certo que esta conquista deva ter alimentado uma parcela de discussões sobre o time e a cidade. No entanto, seria fecundo supor que esta exaltação de êxtase e progresso tem características marcantes na própria historiografia do Norte do Paraná, como discutido no capítulo primeiro, e que nos leva a pensar sobre o declínio vivenciado pelo LEC nos anos seguintes a estes acontecimentos.

O Estádio do Café, símbolo da inclusão do LEC no cenário nacional, é também marcado pela um estigma ganhado anos após sua construção, uma suposta geração de torcedores que não frequentam o palco das emoções. Cabe salientar que o próprio nome do estádio foi uma sugestão do jornal Folha de Londrina, segundo relato do jornalista Oswaldo Militão, que sugeriu a denominação para o prefeito José Richa. “Em princípio, o chefe do executivo gostaria que outras sugestões fossem apontadas para o Estádio Municipal de Futebol. No entanto, acabou concluindo que o povo gostou do nome: Estádio do Café, que hoje o Brasil inteiro já conhece”. (MILITÃO, 1976, p.3). Entre os anos de 1979 a 1982 o LEC não apresentou o mesmo desempenho dos campeonatos brasileiros antecedentes, com exceção do ano de 1980, no lampejo do título da Taça de Prata. Conquistou ainda o Campeonato Paranaense de 1981, gerando publicações especiais da Folha de Londrina naquele ano, no estilo de tablóides.

No entanto, na edição comemorativa de 1982 notamos um elemento crucial sobre a relação estabelecida após o êxtase do clube, principalmente após 1981, “nesse ano sentiu-se, cada vez mais, o afastamento da torcida, da formação de uma “geração-Estádio do Café”, fria como o próprio”. (FOLHA DE LONDRINA, 1982, p.6). Ora, se por um lado todo o progresso do clube representou a pujança e maturidade da região no esporte, um estádio com capacidade grandiosa, como também a adoção de uma filosofia de futebol que presume lucratividade financeira não conquistaram de fato a torcida londrinense em longo prazo. A condição histórica que leva o clube ao sucesso e ao progresso acaba por acarretar sua crise já no começo

dos nos 1980. Dialogando com a perspectiva crítica em relação ao progresso, de que os valores que impulsionaram o clube ao êxtase acabam recaindo na relatividade. Pois não estamos dispostos a argumentar em favor do sucesso e nem do regresso, mas sim um sentido trágico da história.

Em nome do progresso é construído o Estádio do Café, para substituir o antigo VGD. A Folha de Londrina menciona este fato com certa lamentação quando este último estádio deixa de receber os jogos do LEC, “uma esperança morta, porque o progresso falou mais alto, e o ‘Vitorino Dias’ passa a ser apenas uma lembrança”. (FOLHA DE LONDRINA, 1976, p. 32). O progresso matou as esperanças não só do público simpatizante do VGD, mas também do espectro circundante ao Londrina Esporte Clube.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADUM, Sonia Maria Sperandio Lopes. *Imagens do progresso: civilização e barbárie em Londrina. 1930-1960*. 1991. Dissertação (Mestrado), Departamento de História, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Assis. 1991.

_____. Historiografia Norte Paranaense: Alguns Apontamentos. In: ALEGRO, Regina Célia.et. al (Org.). *Temas e Questões para o ensino de história no Paraná*. Londrina: Eduel, 2013. p. 1-26.

ANTÃO, José Carlos. *Agosto de 1976... Não Dá Pra Esquecer!!!: Londrina E.C. - O Primeiro Nacional a Gente Nunca Esquece...* 2010. Disponível em: <<http://josecarlosantao.blogspot.com.br/2010/08/agosto-de-1976nao-da-pra-esquecer.html>>. Acesso em: 06 set. 2015.

ARIAS NETO, José Miguel. *O Eldorado: representações da política em Londrina (1930-1975)*. 2. ed. Londrina: Eduel, 2008.

BORDONAL, Guilherme Cantieri; GIANNATTASIO, Gabriel. Uma pós-modernidade trágica: a historiografia para além da verdade e da mentira. In: Gabriel Giannattasio; Rogerio Ivano. (Orgs.). *Epistemologias da história: verdade, linguagem, realidade, interpretação e sentido na pós-modernidade*. Londrina: Eduel, 2011, p. 11-46.

CALONGA, Maurilio Dantielly. O jornal e suas representações: objeto ou fonte da história? *Comunicação & Mercado*, Dourados, MS, v. 1, n. 02 – edição especial, p. 79-86, nov. 2012. Disponível em: <<http://www.unigran.br/mercado/paginas/arquivos/edicoes/1N2/7.pdf>>. Acesso em: 04 jul. 2015.

CAMPOS, Flavio de; ALFONSI, Daniela (Org.). Apresentação. In: CAMPOS, Flavio de; ALFONSI, Daniela (Org.). *Futebol objeto das ciências humanas*. São Paulo: Leya, 2014. p. 7-22.

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. *Projeto História*, São Paulo, PUC, v. 35, n. 35, p. 253-270, ago/dez. 2007. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/2221/1322>> Acesso em: 15 jul. 2015.

DAMO, Arlei Sander. O espetáculo das identidades e alteridades: as lutas pelo reconhecimento no espectro do clubismo brasileiro. In: CAMPOS, F.; ALFONSI, D. *Futebol objeto das ciências humanas*. São Paulo: Leya, 2014. p. 23-56.

FONSECA, Tiago Giovani; HONORATO, Tony. Folha de Londrina (1952-1953): Notícias para a construção de um índice de pesquisa histórica do esporte e do lazer em Londrina-PR. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA, 13., 2014, Londrina. *Anais...* Londrina: Cd Rom, 2014. p. 777-783.

FRANCHELLO, Carlos Antonio. Londrina Esporte Clube: Convite. *Folha de Londrina*. Londrina, p. 14-14. 06 out. 1977.

GIANNATTASIO, Gabriel. *Próxima parada: o haras humano* (ensaio) Londrina: Atrito Art editorial, 2004.

HONORATO, Tony; PIRES, Antônio Geraldo Magalhães Gomes. Práticas e representações de esporte e lazer em Londrina segundo o Jornal Paraná Norte (1934-1937). In: Annette Hofmann; Sebastião Josué Votre. (Orgs.). *Esporte e educação física ao redor do mundo: passado, presente e futuro*. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 2013, p. 279-288.

_____, Tony; PAIVA, Michel Pompolini. Notas de uma história oral do tênis em Londrina. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA, 13., 2014, Londrina. *Anais...* Londrina: Cd Rom, 2014. p. 625-633.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. O cor-de-rosa: ascensão, hegemonia e queda do *Jornal dos Sports* entre 1930 e 1980. In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; MELO, Victor Andrade de. *O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012. p. 80-106.

LEVER, Janet. *A loucura do futebol*. Tradução de Alfredo Barcelos Pinheiro de Lemos. Rio de Janeiro: Record, 1983.

LIMA, José Mateus de. *Londrina Esporte Clube: 40 anos: Do caçula gigante ao tubarão*. Londrina: Midiograf, 1996.

LIMA SOBRINHO, Jefferson de. *Londrina Esporte Clube: contado... em fatos e fotos*. Londrina: [s. n.], 2005.

MELO, Victor Andrade de. Causa e consequência: Esporte e imprensa no Rio de Janeiro do século XIX e década inicial do século XX. In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque. MELO, Victor Andrade de (Orgs.). *O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012. p. 21-51.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Clio e a grande virada da História. In: _____. *História & História Cultural*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014. p. 7-18.

PRONI, Marcelo Weishaupt. *A metamorfose do futebol*. Campinas: Unicamp, 2000.

SODRÉ, Nelson Werneck. A grande empresa. In: _____. *História da imprensa no Brasil*. 3. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999. p. 251-390.

SILVA, Ronaldo César de Oliveira. *Uma caixinha de surpresas: apropriação do futebol pelas classes populares 1900-1930*. Londrina: EdueL, 1998.

TRIGUEIROS FILHO, Marinósio; TRIGUEIROS NETO, Marinósio. *História da imprensa de Londrina: do baú do jornalista*. Londrina: EdueL, 1991.

Jornais:

CAMPOS, Flávio. Equipe: Agora, o Nacional. *Folha de Londrina*. Londrina, p. 13-13. 26 mar. 1976.

FELISMINO, Tadeu. Milanez: "Hoje eu não recomçaria". *Folha de Londrina*. Londrina, p. 3-3. 30 abr. 1982.

GOES, Nilton. Equipe: Muita Ganancia. *Folha de Londrina*. Londrina, p. 13-13. 26 mar. 1976.

LAMASTRA JUNIOR, Rafael. A FOLHA E O ESPORTE: O futebol "engoliu" o volei, o basquete, os JAP's e o amadorismo. *Folha de Londrina*. Londrina, p. 4-4. 30 abr. 1982.

LAMASTRA JUNIOR, Rafael. A FOLHA E O ESPORTE: Nacional A.C. era a sensação. *Folha de Londrina*. Londrina, p. 5-5. 30 abr. 1982.

LONDRINA, Folha de. O Último dia de Belinati na Prefeitura. *Folha de Londrina*. Londrina, p. 4-4. 13 abr. 1982.

LONDRINA, Folha de. O Londrina estréia casa nova. *Folha de Londrina*. Londrina, p. 12-12. 28 fev. 1976.

LONDRINA, Folha de. Em Maringá outra festa do Londrina. *Folha de Londrina*. Londrina, p. 16-16. 17 fev. 1976.

LONDRINA, Folha de. Agudo Romão também está surpreso. *Folha de Londrina*. Londrina, p. 24-24. 05 mar. 1976.

LONDRINA, Folha de. Se V. torce por um time do Rio, ou de São Paulo, ou do Rio Grande, decida-se. *Folha de Londrina*. Londrina, 29 ago. 1976. Londrina no Nacional, p. 111-111.

LONDRINA, Folha de. De mulher para mulher: Por que homem gosta tanto de ir ao futebol? *Folha de Londrina*. Londrina, p. 2-2. 22 ago. 1976.

LONDRINA, Folha de. Uma grande conquista. *Folha de Londrina*. Londrina, p. 2-2. 20 fev. 1978.

MILITÃO, Oswaldo. Estádio do Café: honrosamente o nome que sugerimos "pegou". *Folha de Londrina*. Londrina, p. 3-3. 22 ago. 1976.

PAOLIELO, Solange. A FRACA MEMÓRIA DA FOLHA: O arquivo do jornal, durante anos jogado as traças no porão da empresa está partindo para a microfilmagem. *Folha de Londrina*. Londrina, p. 6-6. 30 abr. 1982.

LONDRINA, Folha de. A folha e o esporte: "... É realmente a melhor". *Folha de Londrina*. Londrina, p. 6-6. 30 abr. 1982.

LONDRINA, Folha de. Para o velho VGD, a festa acabou: a esperança morta. Folha de Londrina. Londrina, p. 32-32. 29 ago. 1976.

PELLEGRINI JUNIOR, Domingos. E DAI, MILANEZ? *Folha de Londrina*. Londrina, p. 1-2. 30 abr. 1982.

FONTES

JORNAIS CONSULTADOS:

FOLHA DE LONDRINA. Londrina, fev/out. 1976.

FOLHA DE LONDRINA. Londrina, out. 1977.

FOLHA DE LONDRINA. Londrina, 21 fev. 1978.

FOLHA DE LONDRINA. Londrina, fev/mar/jun. 1978.

FOLHA DE LONDRINA. Londrina, nov/out. 1979.

FOLHA DE LONDRINA. Londrina, abr/maio. 1980.

FOLHA DE LONDRINA. Londrina, jan/fev. 1981.

FOLHA DE LONDRINA. Londrina, mar/abr. 1982.

Acervo do Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) da Universidade Estadual de Londrina.